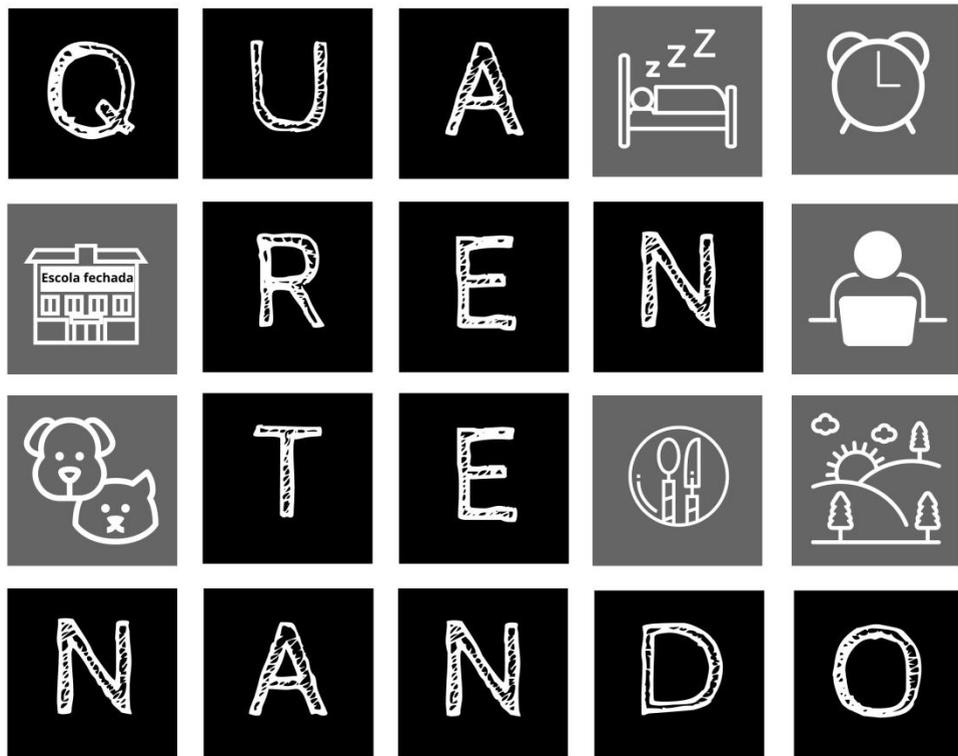




Perspectivas e narrativas em período de transição

Vol. I

Everton Viesba
Marilena Rosalen
(Org.)



Perspectivas e narrativas em período de transição

Vol. I

Everton Viesba
Marilena Rosalen
(Org.)

QUARENTENANDO

Perspectivas e narrativas em período de transição

Volume I

Everton Viesba e Marilena Rosalen
(Organizadores)



Nota 1: Esta obra foi elaborada a partir dos textos desenvolvidos no projeto “Colunas do ObES”. Projeto que compõe o quadro de ações do Observatório de Educação e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São Paulo, e que teve início no primeiro mês da quarentena. Os textos respeitam as normas técnicas e recomendações da ABNT. A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto é de competência do seu respectivo autor, não representando, necessariamente, a opinião dos organizadores, editora ou mesmo do Observatório e Unifesp.

Nota 2: Os organizadores, autores e editora empenharam-se para fazer as citações e referências de forma adequada, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, alguma referência tenha sido omitida. Apesar dos melhores esforços de toda a equipe editorial e autores, é inevitável que surjam erros no texto. Deste modo, as comunicações das leitoras e leitores sobre correções são bem-vindas, assim como sugestões referentes ao conteúdo que auxiliem edições futuras.

Direitos autorais: A V&V editora detém direito autoral sobre o projeto gráfico e editorial desta obra. Os autores detêm os direitos autorais de publicação. O trabalho Quarentenando: Perspectivas e narrativas em período de transição de VIESBA, Everton; ROSALEN, Marilena (org.) está licenciado com uma Licença de Atribuição Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional, permitindo seu compartilhamento integral ou em partes, sem alterações e de forma gratuita, desde que seja citada a fonte.

Impresso no Brasil.
Printed in Brazil.

QUARENTENANDO

Perspectivas e narrativas em período de transição

Volume I

Everton Viesba e Marilena Rosalen

(Organizadores)

V&V Editora

Diadema – SP

2020

Conselho editorial

Marilena Rosalen	José Guilherme Franchi
Angela Martins Baeder	Letícia Moreira Viesba
Arnaldo Silva Junior	Luciana Aparecida Farias
Beatriz Milz	Luiz Afonso V. de Figueiredo
Erika Brunelli	Maria Célia da S. Gonçalves
Eunice Nunes	Marta Angela Marcondes
Everton Viesba-Garcia	Pedro Luis Castrillo Yagüe
Flávio José Moreira Gonçalves	Rita de Cassia B. M. Amaral
Giovano Candiani	Silvana Pasetto
Ivan Fortunato	Wilson Robson Griebeler

Expediente

Editor - interdisciplinar: Everton Viesba-Garcia

Financeiro: Letícia Moreira

Projeto gráfico: Giovanna Tonzar e Thays Soares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V665q Quarentenando: perspectivas e narrativas em período de transição, volume 1 / Everton Viesba e Marilena Rosalen (organizadores). -- Diadema, SP: V&V Editora, 2020.

Vários autores.

ISBN 978-65-88471-00-5

<https://doi.org/10.47247/evg88471>

1. Projeto - Colunas do ObES 2. Textos - Coletâneas 3. Textos - Produção I. Viesba, Everton.
II. Rosalen, Marilena.

20-42347

CDD-372.623

Índices para catálogo sistemático: 1. Textos: Produção: Educação 372.623
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

V&V Editora
Diadema, São Paulo – Brasil
Tel./Whatsapp: (11) 97517-8862
contato@vveditora.com
vveditora.com

REITORIA

Reitora

Profa. Dra. Soraya Soubhi Smaili

Vice-Reitor

Prof. Dr. Nelson Sass

Chefe de Gabinete

Profa. Dra. Andréa Rabinovici

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Profa. Dra. Raiane Patrícia Severino Assumpção

Pró-Reitora de Administração

Profa. Dra. Tânia Mara Francisco

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa

Pró-Reitora de Graduação

Profa. Dra. Isabel Marian Hartmann de Quadros

Pró-Reitora de Gestão Com Pessoas

Profa. Dra. Elaine Damasceno

Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Dra. Lia Rita Azeredo Bittencourt

Diretor Acadêmico do Campus Diadema

Prof. Dr. Dário Santos Júnior

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Pró Reitora

Raiane Patrícia Severino Assumpção

Pró Reitor Adjunto

Magnus R. Dias da Silva

Gabinete ProEC

Yara Ferreira Marques / Enio Shigueo Maeda

Comunicação e Site

Jose Lincoln M. Casselin / Lidia Arruda

Coordenadoria de Eventos Institucionais

Ana Carolina Costa da Silva

Coordenadoria de Pós-Graduação Lato Sensu

Wallace Chamon Alves de Siqueira

Coordenadoria de Cursos de Extensão

Manuel Camilo de Medeiros

Assessoria de Ações Estratégicas

Anthony Andrey Ramalho Diniz / Ivo Sousa Ferreira

Assessoria Administrativa e Financeira

Daina Goncalves Silva

Coordenadoria de Programas e Projetos

Ana Maria Santos Gouw

Coordenadoria de Direitos Humanos

Carina da Silva Lima Biancolin

Coordenadoria de Cultura

Debora Galvani / Andreia dos Santos Menezes

Monica Angelica Ferreira / Gildean Silva Pereira

Câmara de Extensão e Cultura da Unifesp Diadema

Classius Ferreira da Silva

Roberto Nasser Júnior

Carolina Vautier T. Giongo

Lucinéia Ferreira Ceridorio

Luciana Varanda Rizzo

Leonardo Sioufi F. dos Santos

Leila Thomazelli Thiegi

Willian Hermoso

Jean Carla Viana Moura

Natalia Bibiana Conti

Camila Rodrigues

Igor Viana Gusmão

Sumário

Prefácio	10
<i>Fake news</i> em tempos de pandemia.....	12
<i>Thays da Silva Soares</i>	
Isolamento social e saúde mental.....	18
<i>Thiago Araújo</i>	
A essencialidade na pandemia	22
<i>Sarah Arruda</i>	
Sobre pandemia, sensacionalismo, ecofascismo e... que dia é hoje mesmo?!.....	30
<i>Sheyla Pulido</i>	
O problema das lacunas no processo de educação científica	33
<i>Arnaldo Antonio da Silva Junior</i>	
Por que a ciência se faz tão importante nesse momento?.....	37
<i>Isabella Guedes Cavalcante</i>	
Periferia e Pandemia.....	41
<i>Bruna Gimenez da Silva</i>	
Dez anos de “Movimentos Docentes”	45
<i>Marilena Rosalen</i>	
Mas o que tem de sustentável nisso?	48
<i>Erika dos Santos Brunelli</i>	
Respostas da natureza ao isolamento social	52
<i>Thays da Silva Soares</i> <i>Thiago Araújo</i>	
Acesso à cultura no Brasil	56
<i>Giovanna dos Santos</i>	
Professor em Formação	59
<i>Cássio Alberto do Nascimento</i>	
O programa Inova Educação e a sua importância para as habilidades socioemocionais	63
<i>Leticia Moreira Viesba</i>	
Um antigo projeto da legalização do desmatamento da Amazônia. 67	
<i>Sarah Arruda</i>	

A importância de cooperar	72
<i>Lara Santana</i>	
Violência doméstica.....	75
<i>Erika dos Santos Brunelli</i>	
Uma reflexão sobre a prática.....	79
<i>Claudia Benitz</i>	
Sustentabilidade e o filme “Avatar”	84
<i>Arnaldo Antonio da Silva Junior</i>	
Quando passei a entender o caminho	88
<i>Luana Lima</i>	
O abismo social escancarado pelo Enem 2020.....	92
<i>Isabella Guedes Cavalcante</i>	
E os pets durante e no pós-pandemia?	97
<i>Bruna Gimenez da Silva</i>	
Educação no confinamento	101
<i>Giovanna Tonzar dos Santos</i>	
E quando não é lixo?.....	103
<i>Thiago Araújo</i>	
<i>Leticia Viesba</i>	
O seu Ser é consciente?	108
<i>Sarah Arruda</i>	
Caminhos com a leitura e a escrita	113
<i>Inês Pauli</i>	
Referências.....	115
Sobre os organizadores	120
Sobre os autores	121
Conheça	124

Prefácio

O Observatório de Educação e Sustentabilidade foi idealizado, em 2019, pelos professores Everton Viesba, Erika Brunelli e Marilena Rosalen. Na época, já contávamos com uma crise econômica, política e social no país, bem como a desvalorização da Ciência, Tecnologia e Educação também começara a se acentuar.

Ao colocar a ideia no papel, fomos percebendo que o ObES, sigla para Observatório de Educação e Sustentabilidade, estava concretizando os resultados de inúmeros outros projetos desenvolvidos desde 2012, entre eles o Programa de Extensão Universitária “Escolas Sustentáveis”, projeto Eu Reciclo, UniverSus, Educação Ambiental na Minha Escola, e tantos outros. Concretizando no sentido de dar amplitude para essas ações, outrora desenvolvidas de formas isoladas, com pequenos públicos, salas de aulas e escolas, sem conexão entre si, o que influenciava diretamente no alcance e efetividade das ações.

Ao concluir o primeiro rascunho do projeto-base, percebemos que o ObES não era só isso. Mais que consolidar os nossos projetos e abrir portas para outros tantos, o ObES estava se constituindo como primeiro Observatório de Educação e Sustentabilidade de Diadema, quicã do país. De fato, há muitos observatórios temáticos por aí, inclusive relacionados à Educação e outros de Educação Ambiental. Porém, reconhecendo a Educação como um processo social fundamental nas relações humanas e a Sustentabilidade como ponto de partida, e também percurso, para a existência, em harmonia com a natureza, da vida humana na Terra, não há uma proposta de observatório que una ambas as áreas.

Melhor, não havia...

O ObES surgiu nesta perspectiva. A compreensão de que não se pode falar em Sustentabilidade sem considerar os processos educativos, tampouco falar em Educação sem levar em conta as premissas da Sustentabilidade que pregam o equilíbrio da vida na Terra.

Deste modo, ainda em 2019, a equipe do ObES foi contemplada como um dos projetos a serem financiados por verba destinada ao Edital PROEC n°. 585/2019. O financiamento recebido permitiu o fornecimento de 4 bolsas de extensão para estudantes da graduação e 3 bolsas para pós-graduação, pelo prazo de 8 meses, para execução de um plano de trabalho. Iniciamos 2020, apesar de todos os pesares que 2019 causou, com boas energias e, principalmente, fazendo da esperança um verbo, como pregou Paulo Freire – esperar.

Tão logo iniciamos as atividades do ObES fomos surpreendidos, assim como todo o mundo, com a pandemia da COVID-19. Em tempos onde estávamos acostumados a pular da cama, tomar um café às pressas e correr para não perder o ônibus e metrô para não se atrasar para o trabalho, escola ou universidade, tivemos que parar. Parar e parar mesmo. Escolas e universidades fechadas, shoppings, serviços não essenciais, comércios, pouco a pouco tudo foi parando. Menos metrôs disponíveis, menos ônibus circulando. Nas ruas só víamos aquelas, ainda numerosas, pessoas que não dispunham de formas de trabalhar de forma remota, então não poderiam escolher entre abster-se do ganha pão, ainda que isso colocasse em risco suas vidas e também de seus familiares.

O retrato da gigante desigualdade social no país fica mais visível. Soa gritante.

O que se esperava durar duas semanas, talvez três, passou de um mês. A “quarentena”, nome que se popularizou para o distanciamento físico imposto pela pandemia, já estava insuportável e nas vésperas de publicação deste livro podemos dizer que ainda está...

Com as semanas se acumulando sob a ótica da quarentena, a busca por meios e alternativas para seguir a vida, de forma que não se colocasse em risco a si e aos outros se tornou inevitável. Shows começaram a ser oferecidos gratuitamente no formato de *lives*, empresas, escolas e universidades começaram a pensar em trabalho e ensino remoto.

Mas não para por aí. Concomitante a tudo isso, lá fora a pandemia seguia, e segue, em todo o mundo o número de casos de contaminação não parava de subir, e, pior, os de mortes também. Reclusos em casa, nos vemos diante de mudanças bruscas nas rotinas. Já não podíamos sair, precisávamos aprender a trabalhar de forma satisfatória tanto quanto presencialmente, precisávamos aprender a aprender de forma remota. A televisão se tornou novamente companheira da população que recentemente só se dedicava a ela em horário nobre.

Parece tudo muito confuso, não é? Tudo muito caótico. Foi – e está sendo – assim como nos sentimos. E temos certeza que provavelmente você, leitora, leitor, também sente o mesmo.

Como se não bastasse toda a situação global, a preocupação com os familiares e amigos, a vida que parou, ainda precisamos lidar com o negacionismo e descaso de governantes. Afinal, essa pandemia toda é “só uma gripezinha”.

A crise sanitária se tornou coadjuvante no Brasil, abrindo espaço para o protagonismo da crise política que se tornou a cereja do bolo, com uma cobertura baseada na ausência de chefias à frente das pastas da Saúde e da Educação. Um bolo amargo e desgostoso que nos foi servido. Contudo, como toda crise, a pandemia e a conjuntura nacional e global criaram oportunidades e, assim, abriram espaços nas agendas e rotinas apertadas e concorridas da sociedade. Junto ao distanciamento físico, fizeram reverberar problemáticas sociais que há tempos tem tido pouca atenção.

O momento presente tem nos feito pensar. E nesses pensamentos precisamos nos ater que o caminho para transformação do mundo é ladrilhado pela Educação. E daí nossa persistência, enquanto educadores, em seguir a diante.

Foi neste contexto, nessas inquietações, nos desafios de seguir com as atividades do ObES de forma remota e nas angústias de todos da equipe com a situação vivida, que surgiu o projeto “Colunas do ObES”. Projeto este que serviu e serve como um alento para os membros de nossa equipe. Um espaço para “por para fora” as angústias, os pensamentos, mas não puramente um desabafo... Algo maior, uma reflexão sobre isto.

As colunas permitem aos nossos membros e colaboradores, os queridos colunistas, expor, refletir e analisar, de forma leve e descontraída, como lidamos com essas angústias que a pandemia está trazendo à tona e, principalmente, compreender que tantas outras pessoas estão com sentimentos semelhantes.

Deste modo, caro leitor, leitora, nos capítulos a seguir vocês encontrarão textos diversos. Cada um num tom

diferente, sobre um tema diferente. Praticamente, todos abordam de um jeito ou de outro o contexto da pandemia, mas com inúmeras situações que você, certamente, irá se identificar. Os textos estão disponibilizados aqui na ordem cronológica que foram escritos, iniciados em abril de 2020, com o último escrito em julho do mesmo ano.

Perceba, este livro não é para dizer que demos um jeito nas angústias. Isto não aconteceu. Não é para dizer que esse novo normal é aceitável ou ainda que não estamos impactados com isso. É o oposto. Centenas de milhares de pessoas morreram vítimas da COVID-19, milhões foram contaminadas. Embora tudo pareça estar se normalizando, pedimos atenção. Pedimos cautela. Nada disso foi em vão. Não pode ser.

Como mencionamos lá em cima, é preciso esperar, mas como dito por Paulo Freire, "não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero".

A esperança é pilar da democracia, é parceira da fé e alimento para a luta e combate ao fascismo e totalitarismo.

Seguimos distantes fisicamente, mas nunca estivemos tão próximos quanto estamos agora e quanto ainda podemos ficar.

Desejamos uma boa leitura.

Everton Viesba e Marilena Rosalen.

Fake news em tempos de pandemia...

Como combater?

Thays da Silva Soares

Certamente você, assim como eu, estava vivendo sua vida normalmente quando, em meados de janeiro/fevereiro desse ano, foi surpreendida/o com a notícia do surgimento da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus. Ao mesmo tempo em que se iniciou a propagação de uma enxurrada de informações – tanto verdadeiras, quanto falsas – como vídeos de pessoas na China, desmaiando inesperadamente. O excesso de informações, e aqui se inclui as *fake news*, tem gerado sensações de pânico geral. Então, sabendo que se trata de um vírus novo e com fácil transmissão, como podemos filtrar as informações e nos mantermos calmos diante dessa situação quase apocalíptica?

Bom, para responder a esta pergunta é preciso lembrar que, sim, é um vírus novo e pouco conhecido cientificamente, mas... O mundo se reuniu para combater a COVID-19, isso inclui a realização de diversas pesquisas, tratamentos em testes e elaboração de vacinas – no Brasil, apesar dos recentes cortes de bolsas de pesquisa, as universidades públicas e pesquisadores estão à frente nessa luta também – com isso, é preciso enfatizar que a cada dia estamos mais próximos de encontrar um tratamento efetivo, mas é claro, a partir de pesquisas e resultados concretos, comprovados, não caia nessa de usar cloroquina sem receita médica. Este é o ponto central desse texto, manter o foco em fatos. Tenha cuidado! Não acredite em achismos e informações de origem duvidosa.

A internet é um excelente local para busca de informações, em paralelo, com as redes sociais, um *post* pode se tornar viral em questão de segundos. Embora seja uma excelente ferramenta informativa, isto abriu brechas para viralização de informações falsas, ou seja, as famosas "*fake news*" tal como a mencionada no início do texto, sobre os desmaios na China, e várias outras que englobam curas, prevenções, tratamentos descabidos, até mesmo teorias de conspiração, como a criação do vírus em laboratório. Isto, certamente, é uma angústia para você, assim como é para mim. Então, como saber se uma informação é verdadeira ou falsa? É preciso ter **senso crítico** para questionar, pesquisar, interpretar e tomar um posicionamento. De acordo com o Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, *senso crítico* é “a faculdade de julgar com imparcialidade, sensatez e discernimento”.

Ou seja, é essencial que haja reflexão, busca de informações, incluindo lados positivos e negativos sobre um mesmo assunto, e análise para tirar uma conclusão. O problema das *fake news* é exatamente a falta de *senso crítico* das pessoas, muitas vezes não intencional. Isto é um problema enraizado na sociedade, mas que pode ser amenizado e resolvido ao longo do tempo, uma vez que ter *senso crítico* é algo que pode ser aprendido e aprimorado, se trata de um importante processo da educação.

A fim de evitar a difusão das *fake news* foram criados alguns portais para conferir a veracidade dos materiais. O Ministério da Saúde apresenta um banco de dados explicando cada informação, se é verdadeira ou não. [O site pode ser acessado aqui](#). Foi disponibilizado, também, um número de WhatsApp para encaminhamento de informações virais para que sejam verificadas antes do

compartilhamento: (61) 99289-4640. No Estadão, Folha de S. Paulo, Portal Uol e G1, é possível encontrar diversas dicas para identificar as *fake news*, entre as mais comuns, estão: observar erros de português e pontuação, assim como a data e origem da publicação. Portanto, recomendamos a realização de pesquisa em sites de notícias confiáveis, jornais e telejornais antes de compartilhar notícias e enviá-las para seus grupos e contatos.

Vale ressaltar que até o momento não há comprovação 100% garantida de que X ou Y medicamentos tem capacidade de curar pessoas com COVID-19, nem mesmo a existência de vacinas. Sendo assim, é importante priorizar e se atentar aos métodos preventivos e cuidados com a higiene: lave bem as mãos e com frequência, evite o contato direto com outras pessoas, principalmente pessoas doentes, cubra a boca ao tossir e espirrar e evite tocar o rosto. Mas há uma dica vital, faça o possível para ficar em casa.

Nessa quarentena, evite ao máximo sair de casa, é essencial diminuir a propagação do vírus, entretanto lembre-se de cuidar da sua saúde mental também: evite o excesso de informações, procure se informar no máximo 2 vezes ao dia, nos jornais disponíveis na internet ou na televisão; tente manter uma rotina; coloque em dia os projetos engavetados; faça cursos, procure algo produtivo para fazer durante esse tempo e distrair a mente. Cuide-se, e a medida do possível, cuide do próximo também. Corpo e mente andam juntos, com informações confiáveis, prevenções e cuidados necessários, podemos sair dessa crise da melhor forma possível.

Isolamento social e saúde mental

Quando o vilão está em casa

Thiago Araújo

Se você pudesse apostar, lá em meados de novembro/dezembro de 2019, que logo no início de 2020 enfrentaríamos a tensão de uma possível terceira guerra mundial, seguida pela Amazônia em chamas, e logo depois que uma pandemia tomaria conta do mundo, com toda certeza pensaria melhor sobre utilizar o sal grosso para limpar as energias para o Ano Novo.

A pandemia que enfrentamos hoje é resultado da proliferação de um vírus que provoca a COVID-19, sigla para “**CO**rona **VI**rus **D**isease” (Doença do Coronavírus), e “19” é referente ao ano de 2019, quando os primeiros casos foram divulgados. O vírus foi apelidado de Coronavírus em decorrência de seu perfil na microscopia, que lembra uma coroa. Embora sua origem seja incerta, evidências apontam possivelmente para o pangolim ([veja mais](#)), os animais estudados estavam infectados com vírus geneticamente muito semelhante ao SARS-CoV-2, sigla para “Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2” (Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2).

No Brasil, o primeiro caso foi registrado em fevereiro, até o presente momento temos 20 mil casos confirmados. A contaminação ocorre por meio da exposição ao vírus, um simples aperto de mão com alguém infectado, seguido pelo contato com alguma parte interna do corpo, como olhos, nariz ou boca, já é suficiente para ser infectado, por isso a quarentena, o tal isolamento social, se demonstra tão efetivo, pois impede o contato com quem pode estar

contaminado, essa é a primeira e mais eficaz medida para impedir a proliferação do vírus.

Quando a casa é seu lar, não uma prisão

A quarentena teve início em março e se estende até hoje, com previsão para término no fim de abril, mas com grandes possibilidades de se estender durante maio. Contudo, muitos profissionais, como os de serviços essenciais e profissionais da saúde, não possuem esse privilégio, pois são necessários na linha de frente de combate ao vírus. Logo, se você tem condições de ficar em casa, fique! Sabemos que estar isolado do convívio social pode trazer consequências negativas ao corpo e mente, mas neste momento é a principal medida que podemos adotar.

Vale ressaltar, que a mudança abrupta da rotina, dificuldades de adaptação e ansiedade são fatores estressantes que podem ter consequências diretas à saúde. Por isso, é necessário se manter ativo, encontrar novas formas de lazer e manter uma rotina equilibrada. Buscar ações que tornem os dias mais leves. O isolamento pode trazer prejuízos tanto à saúde emocional, quanto a saúde física, e por isso é importante manter ambos ativos e saudáveis. Quando a mente se encontra em equilíbrio com o corpo “*mens sana in corpore sano*”, esta se torna uma das principais barreiras do isolamento.

Em nosso corpo, a serotonina (o hormônio da felicidade) é liberada quando realizamos atividades que nos dão prazer, como passear ao ar livre, sair com amigos pra jogar conversa fora e ver o rosto de quem gostamos. O contato com outras pessoas é positivo para o cérebro, ao nos privarmos disso, diminuimos a quantidade de

serotonina no corpo. Ficar em casa pode ser ainda mais estressante, home office, mais cobranças, preocupação com o futuro e a saúde das pessoas do seu convívio, isto aumenta o nível de cortisol no corpo (o hormônio do estresse) que está ligado à supressão do sistema imune, ou seja, ficar estressado te favorece a ficar doente. Pensando em todas essas questões, a pergunta que fica é “como se adaptar a essa nova realidade e as consequências que ela traz?”.

Como os Tentilhões de Darwin, tudo tem a ver com adaptação

Conforme a cartilha da OMS ([veja aqui](#)) uma das formas de enfrentar o isolamento é manter contato virtual com entes queridos, evitar o uso de cigarros, manter uma dieta saudável, e se possível, praticar exercícios. Arriscar novas formas de reduzir o estresse, tentativa e erro, afinal não estamos numa corrida, esta é uma maratona. É importante buscar fontes confiáveis, como o site da OMS, para evitar as *fake news*, como o uso indiscriminado de cloroquina. É vital não se bombardear com excesso de informações, evitando a ansiedade e estresse. O estabelecimento de uma rotina é saudável para o cérebro, ele é acostumado a padrões e busca esse entendimento. Você com certeza já notou que quando tem uma rotina, a prática do dia se torna mais fácil. E é por essa lógica que o cérebro trabalha, se no seu dia a dia, em casa, houver uma rotina os dias se tornarão mais leves.

A boa alimentação, além de benéfica para o corpo, também interfere no estado de humor e no sistema imune. Frutas cítricas, como a laranja, possuem Vitamina C que diminui o nível de cortisol, logo, contribui na diminuição do estresse. A gema do ovo, por exemplo, contém colina,

uma das vitaminas do complexo B – que está relacionada à consolidação da memória. Estar isolado em casa, não deve ser sinônimo de distanciamento afetivo, ainda mais nesse momento em que a conversa se torna mais necessária, (aposto que você tem aquele áudio pendente do seu amigo pra ouvir). Desenvolva um *hobby*, arrisque uma leitura nova, de “Crepúsculo” a “Guerra e Paz”, de “Loucademia de Polícia” a “O Sétimo Selo”. Mas, principalmente, descanse.

É importante ter em mente que o isolamento vai acabar, esse período é exatamente isso, **um período**.

A essencialidade na pandemia

Uma reflexão acerca de nossas necessidades e hábitos de consumo

Sarah Arruda

Desde sua chegada ao Brasil, a Covid-19 (doença causada pelo Coronavírus) provocou diversas mudanças sociais, ambientais e econômicas. Algumas delas mais marcantes em nosso dia a dia, quem de nós foi ao mercado e não se deparou com o sumiço repentino do álcool em gel? Ou ainda, com o aumento instantâneo nos preços de produtos básicos, como arroz, feijão, leite e até mesmo dos produtos de higiene pessoal. Todos essenciais neste momento, mas que estão em preços exorbitantes.

Nos jornais, na televisão e das poucas vezes que vamos ao mercado, o que vemos são pessoas aos montes comprando quantidades exageradas de alimentos, produtos de limpeza e estocando produtos perigosos como o gás de cozinha (extremamente perigoso devido ao risco de explosão). Me perguntei diante dessas situações se “é possível ser sustentável durante uma pandemia?”. Esclareço que se trata de uma pergunta retórica, a intenção é que a reflexão fique a seu cargo, leitor/leitora, mas, claro, apresentarei brevemente alguns pontos para se considerar.

Embora a cena mais comum seja de consumo intenso e impensado, mesmo com inúmeros avisos de que não haverá desabastecimento, também existem outros lados da história. Aqui abordo, especificamente, a cena que não é tão comum nos noticiários, aquela que acontece em nossas

casas, onde ao irmos ao mercado vamos justamente com a ideia de comprar o essencial. Mas afinal, o que é o essencial? Neste momento, o que é essencial para você? Acredito que nesse momento seja consenso de que os alimentos são essenciais para todos. Assim como, medicamentos, itens de higiene, o gás de cozinha, e tudo aquilo que é indispensável para nossa sobrevivência. Nesse sentido, quando pensamos sobre o que é essencial, podemos nos deparar com esses itens vindos em nossa mente, lembrando que cada pessoa possui a sua própria concepção do que é essencial. Aí você pode me perguntar - e onde a sustentabilidade entra?

Quando consideramos o conceito de essencial ou indispensável e fazemos uma lista mental do que realmente precisamos, itens que não se encaixam nos mencionados anteriormente acabam tendo menor relevância em nossa lista de prioridades, e, provavelmente, não serão adquiridos numa rápida e cara ida ao mercado. E é neste ponto, que eu quero te conduzir à reflexão. Quando decidimos pelo que é nossa real prioridade, é justamente nesse momento, que começamos a mudar o nosso padrão de consumo, onde podemos ver claramente o motivo por trás de nossas escolhas, é quando optamos por um consumo consciente. Se antes, facilmente, éramos convencidos a comprar por comprar (e eu me incluo nessa), agora estamos nos tornando mais críticos ao que consumimos – ou pelo menos, deveríamos.

A sustentabilidade visa uma relação mais equilibrada entre o modo vida humana e o ambiente. E dessa forma, mudar os nossos hábitos para um consumo sustentável, é fundamental para chegar ao equilíbrio.

Nesses tempos, um celular, uma câmera, uma roupa da moda, acessórios, produtos eletroeletrônicos,

automóveis, e tantos outros, acabam ficando de lado. São em momentos como esse em que somos estimulados a pensar, “o quanto eu preciso de uma peça de roupa nova ou de um celular com 3 ou 4 câmeras”? A minha intenção, não é convidá-los a parar de consumir, tampouco o oposto... A perspectiva aqui é de estimular o pensamento sobre o que consumir, em que quantidade e em qual frequência. Refletir sobre o que, de fato, é essencial para nós. Isto é, claro, quando temos essa possibilidade, pois não podemos esquecer que em um país desigual como o nosso, nem todos tem o poder de escolha. E falando sobre o poder de escolha, devido ao pânico causado pelo Coronavírus, muitas pessoas têm estocado alimentos. Dessa maneira, pessoas com menor poder aquisitivo, estão enfrentando a alta nos preços, tendo que, muitas vezes, escolher o que vai fazer menos falta. Escolher o que é “mais essencial”. Logo, o nosso consumo excessivo e desesperado, além de trazer impacto ao ambiente em que vivemos, ainda tem impactado a vida de muitas famílias, que com dificuldades financeiras, estão tendo dificuldade em se alimentar.

Então, você leitor, leitora, se pergunta “Poxa vida, mas não era você que agora mesmo estava dizendo em como começamos a refletir sobre os hábitos de consumo?” Sim, mas como bem sabemos, as mudanças levam tempo (estamos desde a ECO 92, tentando transformar a sociedade em uma sociedade sustentável), o objetivo desse texto é justamente fomentar as reflexões sobre o tema, se por um lado temos mudanças positivas acontecendo, por outro ainda existe muito trabalho a ser feito.

Contudo, como já mencionado sobre a dificuldade de algumas famílias adquirirem alimentos, há uma boa notícia. Algumas pessoas ao se deparem com essa

realidade, estão se unindo em uma corrente de solidariedade que se estende por todo o Brasil para auxiliar quem precisa. Em perfis no Instagram, como o [@razoesparaacreditar](#), podemos ver ações de arrecadação de alimentos e produtos de higiene para pessoas em vulnerabilidade social, doações de EPIs para profissionais de saúde e arrecadação de ração para abrigos de animais. Esse é um daqueles perfis que deixam meu coração “quentinho” e esperançosa de que dias melhores virão, pois, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nessa pandemia, ainda existem pessoas preocupadas com o próximo e dispostas a ajudá-los. Aqui aproveito e deixo mais informações sobre [como apoiar quem precisa](#).

Ensino a distância em tempos de quarentena

Além de tecnologia e acesso, planejamento, formação e hábitos também são essenciais

Giovanna dos Santos

A educação sempre foi, e ainda é, uma área amplamente explorada, sendo campo de estudo e trabalho de pesquisadores, professores, escritores e educadores. Comumente, passível às diversas interpretações, de acordo com diferentes aspectos. Em recente leitura do livro “Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, escrito por Paulo Freire, me deparei com a concepção de que “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]”, o que possibilita, em meu entendimento, a vasta ideia acerca do que seria a educação e suas infinitas possibilidades. Por meio desta citação pode-se visualizar a conexão entre os termos educação e conhecimento, que por sua vez se conecta ao ensino. Se procurarmos no dicionário o significado da palavra ensino, encontraremos definições que se aproximam de: transferência de conhecimento, de informação, instrução. Mas como estão acontecendo tais processos em meio ao cenário atual? Quais são os sistemas e metodologias adequados para o ensino neste contexto?

Não é novidade para nós que desde que a Covid-19 chegou ao Brasil, o estilo de vida foi alterado. Isto também se refletiu na educação. Em meados do mês de março, quando se iniciou o isolamento social, as instituições de ensino e secretarias de educação, estaduais e municipais, tomaram medidas para lidar com a situação. No início,

suspensão de aulas por uma, duas semanas foi a decisão mais comum adotada, tendo em vista o parâmetro de normalização dos casos na época. Entretanto, os casos de pessoas infectadas pelo novo coronavírus foram aumentando gradativamente e, com isso, novas medidas tiveram que ser pensadas.

Enfrentar o isolamento social e prosseguir com o ensino implica na implementação de novas medidas para reduzir os prejuízos do isolamento na educação, entre tais medidas, a mais adotada por grande parte das instituições tem sido o ensino a distância (EaD). Esta modalidade de ensino baseia-se em um conjunto de processos que são desenvolvidos a partir do distanciamento físico entre professor e estudante, de forma que estes não estejam no mesmo espaço, na mesma “sala de aula”. Existem diversas instituições que oferecem cursos, formações e disciplinas a distância, como a própria UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Todavia, tais cursos e disciplinas foram desenvolvidos e planejados com base em literatura pertinente à sua área específica e na própria base do EaD. E é este o ponto que distingue a maneira de como o EaD está sendo adotado por instituições nesta ocasião de quarentena. Cursos, profissionais e alunos que antes não estavam habituados a esta modalidade, foram expostos a ela e, na maioria dos casos, de maneira rápida e ausente de planejamento. Notadamente, este tipo de ensino requer recursos, como acesso à internet, dispositivos tecnológicos eficazes e uma boa plataforma *on-line*, mas, principalmente um planejamento e implementação eficientes, bem como adaptação e um ambiente adequado para o estudo em casa, tanto de professores, quanto de estudantes. Isto para que aconteça de maneira positiva e integrada.

Durante o período de isolamento observa-se que as metodologias mais adotadas para esta modalidade de ensino são relacionadas as tecnologias de informação e comunicação. Entre os recursos tecnológicos, se destaca a necessidade de um computador, notebook ou tablet para o melhor aproveitamento e facilidade ao acesso das plataformas EaD, bem como para realizar pesquisas e atividades, tendo em vista a maior quantidade de recursos destes dispositivos. Também se faz necessário acesso a internet de qualidade para acompanhar aulas online e outros tipos de conteúdo, contudo, [de acordo com o IBGE](#), embora a internet seja utilizada em 74,9% dos domicílios brasileiros, em 98,7% destes domicílios, o celular é o principal meio utilizado para este fim, seguido pelo microcomputador, com 52,3%. Quando instituições optam por adotar o EaD sem planejamento prévio, tanto de professores como de estudantes, a maneira como é implementado acaba por desconsiderar as diferentes realidades sociais que abrangem além do acesso à tecnologia, um ambiente domiciliar apropriado ao estudo, uma formação, cultura e hábitos dos estudantes e profissionais, para que os estudos ocorram da melhor maneira.

Diversas dificuldades são encontradas quando esta modalidade de ensino não é implementada com o planejamento necessário. A participação de estudantes e professores no processo de tomada de decisão é o caminho mais efetivo e garantidor de que ocorrerá da melhor forma. Considero que o aproveitamento do conteúdo não é explorado em seu máximo pela maneira como é passado, o acesso a uma educação de qualidade e acessível é um direito do estudante, e este deve indagar e refletir sobre as metodologias que estão sendo utilizadas, já que a relação

aluno-instituição torna-se ainda mais necessária neste momento. Entretanto, o cancelamento ou paralisação total das atividades de ensino não é uma boa medida, não é justo que os estudantes fiquem sem estudar, assim como não é justo oferecer um sistema de ensino que pode ser falho e seletivo, portanto, a chave está no planejamento. As instituições devem apresentar o maior nível de apoio possível aos estudantes e procurar investigar se existem diferentes perfis e condições sociais entre eles, buscando alternativas àqueles que não estão aptos ao estilo adotado.

Precisamos refletir e pensar na forma em que os processos educativos acontecem. A situação atual em meio ao isolamento social é extremamente delicada e não se deve ditar a medida certa ou a errada, qual seria mais ou menos adequada, mas sim buscar abranger todas as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem com os recursos disponíveis para estas, e, acima de tudo, continuar garantindo o acesso e qualidade da educação.

Sobre pandemia, sensacionalismo, ecofascismo e... que dia é hoje mesmo?!

Sheyla Pulido

Hoje completo um mês e 9.378 dias em isolamento social. Pensei em abordar outros assuntos que não COVID-19, afinal estamos acima do pico da curva no gráfico de saúde mental com o excesso de informações que as quais temos acesso a todo tempo. Facebook, Twitter, WhatsApp, principais veículos de jornalismo na mídia e conversas entre amigos. E é sobre isso que decidi falar.

Todo dia somos bombardeados e bombardeadas por informações que - e aqui falo correndo o risco de ser mal interpretada, afinal sou educadora - são inúteis ou possuem pouca relevância nossas vidas. Eu não preciso saber, todo dia, que no país X as pessoas estão morrendo nas ruas. Não preciso saber o número de mortes ou ver vídeos de pessoas agonizando sem ar. Eu não sou uma figura política, não sou da área da saúde ou da comunicação. E, tenho certeza, a maioria dos “telespectadores”, público-alvo dessas informações também não são. O que, de fato, essas informações têm a me acrescentar ou, mesmo que eu as explore sob a raciocínio de que nenhum conhecimento é perdido, será que é necessário que eu saiba de tudo e em todo o tempo? Para além da problemática das *fake news*, vejo que a descredibilização do jornalismo aliado ao uso ainda mais excessivo de redes sociais - principalmente do WhatsApp - nesse período de isolamento, tem nos feito alimentar um medo coletivo que, por consequência, nos torna cada vez

mais insensíveis, ao invés de alertas e precavidos. No mundo de informações, nos habituamos e normalizamos o sofrimento.

Outro exemplo de consequência desse sensacionalismo e exploração do medo é o punitivismo que é enraizado em nossa cultura pela tradição judaico-cristã. Não são poucos os comentários que vejo sobre a natureza estar nos punindo. Seu mais recente castigo foi a erupção do vulcão Anak Krakatoa, na Indonésia, no dia 11 de abril. Foram inúmeras as postagens e vídeos com legendas que evidenciam a problemática que expus: Observa-se, que nos dias posteriores ao fenômeno, não se falava mais sobre essa grande catástrofe e anúncio de um apocalipse bíblico. Num mundo de excesso de informações a comoção e medo são temporários e dão lugar a insensibilidade, o “fim do mundo” já foi aceito e é o preço que a humanidade paga pelos erros e pecados cometidos.

O mais perigoso dessas consequências é a abertura para ao que chamamos de “Ecofascismo”, que consiste em não só aceitar essa punição, mas considerar que o declínio rápido da população humana é necessário para a sustentabilidade do planeta. Utilizam Darwinismo e seleção natural para justificar que mortes são necessárias, incentivando e sendo coniventes com genocídio.

Pouco ou nada se fala sobre o sistema econômico vigente, que é o principal responsável pelo agravamento ou até mesmo o causador dos impactos ambientais e sociais das últimas décadas, tampouco sobre qual população humana deverá ser sacrificada para compensar as exigências desse sistema e nossa relação exploratória e colonizadora com a natureza. Sobre esse último ponto, os dados sobre a mortalidade em pacientes diagnosticados com COVID-19 em diferentes bairros nos ajuda a

responder a questão levantada: ainda que tenham mais casos registrados em bairros nobres, como Morumbi, as maiores mortalidades se concentram em **bairros de periferia**.

É importante, enfim, pensarmos nas responsabilidades que possuímos. O colapso do sistema de saúde público, a ausência de saneamento básico para todas as pessoas e a má distribuição de renda são consequências de escolhas políticas que não são recentes. Todos esses pontos, evidenciados e agravados pela pandemia, são sintomas de que algo não está certo e foi normalizado com o passar do tempo. Eu espero, sim, que esse seja o fim do mundo, mas desse mundo que conhecemos e se mostra doente. E ainda que o isolamento nos faça perder a noção dos dias, que possamos pensar e trabalhar para a construção de um novo amanhã.

Sugestões de leitura:

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TAIBO, Carlos. **Colapso**: Capitalismo Terminal, Transição Ecosocial, Ecofascismo. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

O problema das lacunas no processo de educação científica

A crise da COVID-19 como exemplo para repensarmos o ensino de ciências

Arnaldo Antonio da Silva Junior

De início posso escrever de maneira bastante abreviada, que a educação é um processo de desenvolvimento da autonomia, cidadania e senso crítico dos sujeitos. Isto, provavelmente pouca gente discorda, ainda que vivamos em uma época na qual nos surpreendemos frequentemente com os objetos de discordância das pessoas, como é o caso da negação do formato esférico da Terra (cujo tom jocoso ainda não consigo dissociar). Também posso afirmar que a educação é um processo de longo prazo. Longuíssimo prazo na verdade. O que em outras palavras implica no aprendizado por toda a vida, pois como diz Brandão (1985), não há como escapar da educação. Minhas angústias atuais a respeito da educação começam quando passo a refletir sobre as possíveis lacunas do processo educativo, sobretudo, no caso dessa coluna, do processo de educação científica.

Agora lhe convido a me acompanhar no seguinte raciocínio: a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia da COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus; líderes por todo o globo adotam protocolos de combate à doença, de acordo com as circunstâncias específicas de cada região atingida; profissionais de saúde se dedicam em um esforço hercúleo para cuidar da população e alertam para as necessidades

de tomarmos as medidas de segurança; cientistas caracterizam o vírus, seu padrão de infecção e os impactos na sociedade; os serviços essenciais continuam em vários países, como distribuição de alimentos, supermercados e farmácias; campeonatos esportivos foram adiados, incluindo os jogos olímpicos; cerimônias religiosas acontecem via streaming; mudamos hábitos de consumo; entre outros fatos. E ainda assim, frente ao cenário apresentado, há aquele indivíduo que atribui mais credibilidade ao vídeo de um desconhecido no WhatsApp, que nega ou minimiza a crise, muitas vezes achando aceitável perder milhares de vidas.

Neste ponto retomo a educação. Acredito ser muito improvável que uma educação emancipadora permita que o sujeito confira mais credibilidade ao meme do Facebook do que à comunidade científica que trabalha com virologia, epidemiologia, infectologia, saúde humana e áreas afins. O que me parece é que há lacunas nos procedimentos do educar cientificamente, que são preenchidas por conclusões espúrias da realidade. Diante da situação atual, negar os perigos da infecção do novo coronavírus, deveria no mínimo, vir acompanhado de uma quantidade substancial de referências que contraponham ou refutem os especialistas, afinal como diz Carl Sagan, *“alegações extraordinárias requerem evidências extraordinárias”*.

No meu papel de professor de Química, penso constantemente sobre como meu ensino científico pode ser melhor. Os jovens nas escolas aprenderam (ou deveriam ter aprendido) sobre os princípios da vacina: a relação entre agentes patogênicos, sistema imunológico e produção de anticorpos. Mas, será que eles aprenderam sobre método científico? Sobre as trajetórias que a pesquisa científica cumpre para chegar a conclusões? Sobre as

etapas pelas quais passa um fármaco para que atinja um grau satisfatório de eficácia? Sem a pretensão de indicar a resolução indefectível para a educação científica, porém apontando uma possibilidade a ser melhor explorada por nós professores de Ciência, penso que concomitantemente à abordagem dos conteúdos científicos propriamente ditos, poderíamos trabalhar de maneira mais incisiva os métodos da Ciência, como o conhecimento científico é construído. Enfim, por que o cientista sabe isso? Como ele fez para saber aquilo? Concentrar mais energia para trabalhar os métodos da Ciência me soa uma alternativa muito válida para contribuir com o preenchimento das lacunas, ainda que, obviamente, o empreendimento de ênfase no ensino metodológico não encerre toda a problemática.

Como um último exemplo, me permito fazer uma reflexão final utilizando o cinema, do qual sou grande apreciador. Quando falamos sobre ficções científicas (mas não somente), costuma-se usar as expressões “suspensão da descrença”, “suspensão voluntária da descrença”, entre outras, que significam em síntese, ignorar regras do mundo físico real e assumir como verdadeiras as regras impostas pelo universo fantasioso da ficção em questão. Isso ajuda a “entrar” na história. Acredito que parte dos méritos de uma boa ficção científica é saber equilibrar elementos mundanos e fictícios, de modo que possamos embarcar naquele mundo, estimulando a imaginação, mas que também guarde alguma coerência e mantenha raízes na realidade. No caso da presente crise e pode-se dizer para outros assuntos também, chegamos ao ponto onde há pessoas que acreditam em qualquer discurso, dependendo do porta-voz. Nestes casos, a “suspensão da descrença” está sendo arremessada a níveis estratosféricos, perdendo o contato com a realidade e então, as lacunas se revelam

abismos. A educação científica é um processo capaz de reaver a sensatez e que pode colaborar com (re)construção da autonomia que me referi no começo. A humanidade está em mobilização para superar a pandemia. A ignorância e o fanatismo não devem prevalecer sobre a educação, o conhecimento, a ponderação, a coerência e o valor humano. Simplesmente não devem.

Sugestões de leituras:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Por que a ciência se faz tão importante nesse momento?

Aquele filme que começa com o descaso da ciência e termina com... vocês sabem o que. Brasil 2020, direção de Jair Bolsonaro.

Isabella Guedes Cavalcante

Nos últimos anos foi observado um aumento no número de doenças respiratórias cuja fonte de transmissão ocorre pelo contato humano com animais selvagens infectados. As chamadas doenças zoonóticas, que já contabilizam 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças infecciosas emergentes do mundo. como a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS), síndrome respiratória aguda súbita (SARS) e Ebola, estão cada vez mais frequentes. Nos últimos anos ouvimos e vivemos crises como as causadas pela gripe aviária, doença do vírus Zika e, agora, o tal do Coronavírus. Emergências sanitárias como estas, cada vez mais comuns, pioram à medida que habitats naturais são destruídos pela ganância humana, demonstrada por meio do aumento no desmatamento, causador da redução e fragmentação de habitats, a poluição, proliferação de espécies invasoras, o mercado ilegal de venda de animais selvagens, os chamados *Wet Market*, e mais do que nunca, as mudanças climáticas.

Apesar da história já ter contado inúmeras vezes como situações como estas começam, evoluem e acabam, muitos ainda não acreditam que o que estamos vivendo hoje é algo sério e que irá ocorrer novamente. O ponto é que doenças como essas são disseminadas há anos, em

escalas diferentes, e mesmo com todo nosso avanço científico e tecnológico que tem lá suas dificuldades em enfrenta-las, ainda sim, é possível prever que momentos como este que vivemos, voltarão a nos assombrar em poucos anos, se continuarmos agindo da forma como vivemos hoje. Já não devemos mais nos perguntar se uma nova pandemia vai acontecer, mas sim, quando. Isto, por exemplo, fica evidente na série “Explicando” da Netflix, que antecedeu, em 2019, o prenúncio da pandemia.

Apesar de toda descrença da sociedade, cientistas de todo mundo estão se unindo, mais do que nunca, para poder descobrir uma vacina que possa nos salvar deste e dos futuros picos da doença. O problema é que desenvolver uma vacina não é tarefa simples, não acontece da noite para o dia, é necessário tempo, investimento, estrutura, muito do que justamente não é visto no nosso país e que foi “contingenciado” nos últimos anos. Para que uma vacina seja aprovada, ela precisa passar por diversos estudos e experimentos, que a levem para posterior testagem em animais, e então aplicação em pequenos grupos de pessoas, onde caso não apresente efeitos controversos graves, se permite a continuidade dos estudos até que possa ser utilizada por todos. Além disso, precisamos pensar em sua lógica de fabricação, armazenamento e distribuição ao redor do globo.

A vacina para o Ebola, por exemplo, foi a vacina desenvolvida mais rapidamente nos últimos anos, levando pouco mais de cinco anos até estar disponível no mercado; levou dois anos para ser testada em humanos e mais três para chegar ao comércio. Percebe-se, então, que a produção de uma vacina para o momento o qual estamos, tendo em vista que há cada vez mais evidências sugerindo que esses surtos e epidemias podem se tornar mais

frequentes à medida que o clima continua a mudar, não será nossa salvação, pelo menos não a curto prazo, mas com os incentivos certos, irá nos precaver dos próximos. Portanto, fique em casa!

Nosso grande Calcanhar de Aquiles para produção e estudos dessa vacina no Brasil, é a falta de investimento e confiabilidade no que as ciências fazem. Investimentos estes que vem sendo diminuído há anos, e que surpreendentemente no momento em que mais precisamos dos conhecimentos gerados pelas ciências, ainda sofremos com recentes cortes de bolsas de pesquisas. É contraditório e incoerente exigir uma resposta imediata das ciências para resolução de um problema, quando constantes e significativos cortes antecedem e acompanham a crise da pandemia. Mesmo com o descaso vivenciado pelos cientistas brasileiros, nos mantemos firmes, pois é necessário mostrar o que estamos conseguindo com tão pouco incentivo e trazer à tona as grandes conquistas as quais somos protagonistas.

Quando o primeiro caso de Covid-19 na América Latina foi confirmado em São Paulo, cientistas do Instituto Adolf Lutz, da USP e da Universidade de Oxford, conseguiram sequenciar o genoma do vírus em apenas 48 horas, um feito marcante e que recebe o destaque merecido. Noutro caso, o Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), referência nacional em tratamento de doenças respiratórias, foi nomeado como Laboratório de Referência da Organização Mundial da Saúde para enfrentamento da Covid-19 nas Américas, responsável, agora, por realizar testes confirmatórios da doença na região, além de integrar a rede de especialistas em laboratório da entidade.

Se hoje nós precisamos de uma resposta clara com que deve ser feito para que tragédias anunciadas como essa diminuam seus efeitos ou não aconteçam mais, a resposta é investir na pesquisa, sendo este o único meio de mudanças positivas e que não traz prejuízos, tampouco quedas na bolsa de valores, mas sim aumento de igualdade, saúde e desenvolvimento sustentável, porque se hoje os brasileiros precisam de algo, é saber agir de forma sustentável com todos os bens e serviços disponíveis, sejam eles financeiros ou naturais. Parafraseando Atila Iamarino, se hoje estamos descobrindo o que são os serviços essenciais e estamos voltando a entender o valor de ciência, da mídia (profissional) e dos serviços de saúde, sistemas que são fundamentais desde sempre, mas que, em períodos de bonança, são fáceis de negligenciar, o que esta crise irá nos trazer de mais importante são lições a serem levadas ao futuro.

Periferia e Pandemia

Das viagens ao exterior às favelas e comunidades

Bruna Gimenez da Silva

Você provavelmente se deparou com um volume grande de “memes” no período do Carnaval alegando que o COVID-19 não atingiria a população mais pobre do Brasil, visto que, apenas a classe alta realiza viagens para o exterior e, até então, o vírus não estava instaurado no nosso país. Contudo, não demorou em observarmos que estávamos enganados... Já no dia 26 de fevereiro, depois de tantos bloquinhos, foi diagnosticado o primeiro caso de Coronavírus no Brasil. De acordo com o Ministério da Saúde, a vítima foi um homem de 61 anos que havia retornado de viagem para a Itália há pouco tempo. O tratamento foi feito no hospital Albert Einstein e, felizmente, duas semanas depois já estava curado.

De fato, os primeiros casos afetaram indivíduos com uma condição financeira mais elevada. Entretanto, com um crescimento vertiginoso, alastrou-se, e ainda se alastra, por todas as classes sociais, sendo ainda maior nas regiões periféricas, [como estamos acompanhando mais recentemente](#). Para compreendermos melhor, até o dia em que escrevi este texto, em São Paulo os bairros Água Rasa, Pari, Artur Alvim, Limão e Alto de Pinheiros, são os que registraram o maior número de mortes suspeitas ou confirmadas pelo novo coronavírus a cada 100 mil habitantes ([via G1](#)). Apesar da população acima dos 60 anos ser o principal grupo de risco, nas periferias, certamente, todos são. Digo isto porque, nas áreas mais carentes, a quantidade de jovens é superior a de idosos, e mesmo assim, o número de contágios e de mortes segue

crescendo. Nesse momento, acredito que você, assim como eu, esteja se perguntando “o que houve para isto acontecer?”. Bom, basta olharmos para as desigualdades sociais no Brasil.

Tenho como recordação, de minha época de vestibulanda, a leitura do livro “Capitães da Areia”, do escritor Jorge Amado. Lembro-me da leitura que os problemas sociais vivenciados pelos personagens da obra, onde a história se passou no início do século XX, eram comparáveis com as dificuldades que muitos brasileiros ainda passam nos dias atuais. Podemos observar uma delas no trecho extraído do livro, onde a população vivia uma epidemia (quando há o surto de uma doença em uma dada região ou população) de varíola:

Só a reza das sentinelas, o choro convulsivo das mulheres. Assim estava o morro quando Estêvão foi levado para o lazareto. Não voltou, certa tarde Margarida soube que ele morreria por lá. Nesta tarde ela já estava com febre.

Notou alguma semelhança com a pandemia de 2020? Nos “morros” do Brasil encontramos muitos Estêvãos e Margaridas. Sabemos que para não ser contaminado, é necessário evitar aglomerações e lavar as mãos com água e sabão constantemente, ações estas que soam simples, mas como manter distância quando a moradia possui poucos cômodos e você a divide com 5, 6 pessoas? Aliás, há quem enfrente uma situação ainda mais crítica: a ausência de saneamento básico ([saiba mais aqui](#)).

Há, ainda, problemas relacionados a empregos, desempregos, redução de salários e a ausências deles. Nesse quesito, todos os trabalhadores estão sob

dificuldades. Mais de 6 milhões de empregados(as) com a carteira assinada tiveram os salários reduzidos ou o contrato suspenso (veja em [Gazeta do Povo](#)). Mesmo com tais empecilhos, uma significativa parcela está com a oportunidade de usufruir do home office. Já outros, não têm esse privilégio. A população que não dispõe de uma renda fixa, entre eles os comerciantes ambulantes e aqueles que vivem de “bico”, continuam indo para as ruas a fim de vender os seus produtos, mesmo sabendo que estão mais suscetíveis a contrair o vírus. [Em pesquisa recente](#) constatou-se que 26% dos trabalhadores com renda superior a salários foram prejudicados pela pandemia, já na “classe c” 56% dos trabalhadores que ganham até dois salários estão sendo afetados. A porcentagem se eleva para 77% ao analisar as pessoas sem salário fixo ou desempregadas. Dessa forma, a periferia, além de lutar contra o vírus, luta também pela garantia de suas refeições diárias, de manter-se viva.

E a educação? Nesses tempos sombrios, temos a suspensão das aulas presenciais e a aderência ao Ensino à Distância. Como licencianda e estudante, vejo que os professores estão se empenhando em ministrar aulas on-line tentando manter a ótima e merecida qualidade. Porém, a maneira encontrada para que não haja a perda de dias letivos não é inclusiva e nem igualitária. Sabemos que não são todos os estudantes que dispõem de computadores em casa, acesso à internet e um ambiente favorável aos estudos. Até então, o ENEM segue com a sua data marcada. Não há como os estudantes do 3º ano do ensino médio, aqueles da periferia, que não conseguem acompanhar as aulas on-line, disputar com aqueles que têm essa oportunidade e tantas outras, e tantos outros recursos.

Diante das condições difíceis que a periferia está passando, acredito que o trecho de uma canção da banda Skank sintetize uma reflexão que os mais privilegiados possam vir a fazer: “[...] a barra já pesou. Quem ignora erra. Quem ignora errou”. Neste momento, enfrentamos dificuldades hospitalares, políticas, econômicas e, sobretudo, sociais. A consequência dos 14 milhões de brasileiros estarem no índice de extrema pobreza é devida à baixa implantação de políticas estruturais de combate à desigualdade social. Apesar da invisibilidade da periferia frente ao poder público, já passou da hora dos cidadãos em uma situação financeira melhor não fazerem o mesmo. A solidariedade e empatia são qualidades e ações que podem suavizar a “barra” de muitas famílias. Mais do que isso, é preciso somar-se à luta contra a desigualdade social.

Torna-se evidente que não dá para seguir ignorando e, por conseguinte, errando.

Dez anos de “Movimentos Docentes”

2010-2020

Marilena Rosalen

Quando eu era criança, gostava de brincar de escolinha e eu sempre era a professora e meus irmãos eram os alunos. Mas, curiosamente, não sonhava em ser professora. Este *insight* só apareceu no segundo semestre do curso de Química – bacharelado, na Unicamp, quando uma reprovação em Cálculo “travou” o meu horário escolar devido aos pré-requisitos. Incluí as disciplinas da licenciatura e me deitava nas leituras e discussões. No fim, desisti do bacharelado, concluí a licenciatura em Química e no dia da minha formatura – a primeira formatura conjunta da Unicamp, ocorrida do ginásio de esportes (recém-inaugurado, na época), durante o discurso da oradora do curso de Pedagogia, eu senti que era lá que eu queria estar. E foi para lá que eu fui: cursei Pedagogia na Universidade Metodista, enquanto ministrava aulas de Química no ensino médio de uma fundação municipal.

Estava apaixonada pela profissão docente e o desejo de continuar me aprimorando e crescer na carreira me levou a iniciar o mestrado enquanto cursava o segundo ano de Pedagogia. Depois de um ano, fui contratada para dar aula no mesmo curso que tinha acabado de concluir e deixei as aulas de Química para trás. Depois vieram: doutorado e filhos. E eu continuava apaixonada pela profissão de ser professora, tanto que a área que mais me dediquei a estudar e pesquisar foi a formação e prática docente, da educação infantil ao ensino superior. Estava satisfeita e me sentia realizada, mas queria mais. Sonhava

em trabalhar em uma universidade pública, para ter maior autonomia em pesquisa e organizar um grupo que se dedicasse ao estudo, pesquisa e extensão sobre formação e práticas docentes. Fui atrás do sonho e em março de 2010, tomei posse como professora da Unifesp e no mesmo ano iniciei o grupo de pesquisa Movimentos Docentes, [certificado no CNPq](#).

Dez anos se passaram. Enquanto grupo, realizamos o que foi possível dentro das condições institucionais. Projeto de monitoria de Didática desde 2012; Pibid Didática (2012-2013); Pibid Ciências (2014-2018); 03 linhas de pesquisa – formação inicial e continuada de professores, iniciação à docência e ensino de Ciências, educação para a sustentabilidade; 02 projetos de extensão – Formação de professores de Física, Química, Biologia com a utilização das TICs (2011-2014), Estratégias de Educação Ambiental para o desenvolvimento de uma escola sustentável (2015-2017); 01 programa de extensão universitária - Escolas Sustentáveis “construindo espaços educadores sustentáveis” (desde 2017); Observatório de Educação e Sustentabilidade (iniciado em 2019); 20 artigos publicados em revistas com Qualis; 01 livro publicado; 10 capítulos de livro publicados; 74 trabalhos publicados em anais de congressos; 114 trabalhos apresentados em eventos científicos; 12 grupos de redes sociais, websites e vídeos; 12 eventos e mini-cursos organizados; 03 orientandos atuais de mestrado e 05 mestrandos que concluíram; orientação de 12 TCCs concluídos; orientação concluída de 06 bolsistas de iniciação científica; 66 orientações concluídas de projetos de extensão, monitoria e Pibid; 15 orientações atuais de programa de extensão e do Observatório Educação e Sustentabilidade; composição atual do grupo: 02 doutores; 04 mestres; 04 mestrandos;

04 graduandos e 02 professoras da rede sem vínculo com a universidade.

Comemorando os 10 anos, criamos a **Comunidade Movimentos Docentes**, no Facebook, há três semanas, estamos com 583 participantes e com um bom fluxo de informações, destacando alternativas de formação continuada. A pretensão é que esta seja uma comunidade de prática, com o objetivo de compartilhar, refletir e aprender colaborativamente a partir do relato de práticas pedagógicas dos professores participantes. Esperamos que esta comunidade amplie a ação do grupo de pesquisa, influenciando mais efetivamente a formação continuada de professores da educação básica e do ensino superior.

Muito foi feito, mas ainda há muito a se fazer. Convido a todos os leitores e leitoras a integrarem a Comunidade Movimentos Docentes, a contribuírem nas discussões, troca de experiências e conhecimentos. Este é o primeiro texto da coluna quinzenal, esperamos gerar boas reflexões e provocações na educação, sobretudo, na formação docente.

Sugestão de leitura:

IMBERNÓN, Francisco, SHIGUNOV NETO, Alexandre, SILVA, André Coelho da. Reflexões sobre o conhecimento na formação de professores em comunidade de prática. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 82, n. 1, p. 161-172, 2020.

Mas o que tem de sustentável nisso?

Uma reflexão sobre ações que beneficiam a sociedade, a doação de sangue em questão

Erika dos Santos Brunelli

Estamos habituados a ver a palavra “sustentabilidade” associada ao meio ambiente, relacionada às medidas que garantam a sobrevivência e manutenção dos bens e serviços do planeta, seja por empresas que adotam atividades sustentáveis ou por pessoas que acreditam que pequenos atos podem fazer a diferença... Reciclar o lixo, por exemplo, se destaca entre as ações individuais. Em contraponto a essa compreensão enraizada do termo “sustentabilidade”, busco neste texto apontar um desafio, para mim e para você, de realizar uma auto reflexão sobre outras atitudes sustentáveis fora do senso comum, que possam contribuir mais efetivamente com a promoção de atitudes mais humanas e socialmente positivas.

Temos acompanhado especialmente nos últimos dois meses, durante a pandemia do coronavírus, que a sociedade no geral tem sido instigada a apresentar atitudes mais cidadãs, pois a situação global nos direciona a isto. Particularmente, venho observando várias pessoas se mobilizando para fazerem compras para os vizinhos que estão no grupo de risco, pessoas se disponibilizando para ajudar estudantes de baixa renda a estudarem para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), diversas campanhas de doação de alimentos e dinheiro para os mais vulneráveis economicamente e para recursos na área da saúde. Além disso, famílias se organizando, fazendo vídeo-chamadas com seus avós para confortá-los diante do

isolamento social. Mas, em meio a tanta solidariedade, algo essencial para o momento não se popularizou, pelo contrário, teve uma queda brusca: a doação de sangue.

O recomendado pela OMS - Organização Mundial da Saúde - e que a mídia está sempre reforçando, é para nos mantermos em casa, saindo apenas em situação de real necessidade, como ir a mercados e farmácias, evitando ao máximo frequentar o ambiente hospitalar - o que é extremamente pertinente. O problema é que a situação atual tem colaborado para a queda drástica de oferta de sangue nos hemocentros de todo o Brasil, potencializando o colapso na saúde pública. E nesse momento você deve estar pensando “tá, mas quem vai querer se arriscar?”.

Bom, além do fato de que excessos de informações midiáticas causam a normalização da situação, ou seja, uma maior insensibilidade perante a quantidade de mortes, paradoxalmente, há uma certa falta de informação de que muitos hemocentros são dissociados dos Pronto Socorros (onde há maior risco de contágio). Isso possibilita que a doação seja feita de forma segura pois, além disto, estes postos de doações estão recebendo os doadores apenas com horário agendado, a fim de evitar aglomerações, e alternativamente, alguns lugares contam com instalações para doações por *Drive-thru*.

Várias medidas e campanhas estão sendo desenvolvidas e outras tantas já estão em andamento, na perspectiva de alimentar os bancos de sangue e evitar ainda mais o colapso na saúde nacional. Entre as medidas, uma se destaca, e tem foro jurídico. Era muito improvável imaginar que com o atual governo isso seria aprovado, mas foi... [A liberação da doação de sangue por homens homossexuais](#). Tendo em vista que, mesmo com o aumento das campanhas, o número de doadores ainda permaneceu

muito inferior ao ideal, seria essa aprovação apenas uma estratégia para suprir a demanda de bolsas de sangue? Pelo sim, pelo não, vale focar nos benefícios desta liberação, na importância histórica, social e pessoal que tal conquista apresenta. Sem dúvidas, é uma das medidas legais que contribuem para diminuição das discrepâncias sociais existentes.

O ato de doar sangue geralmente contribui com o sentimento de satisfação do doador, aflorando a autoestima por estar fazendo o bem e sendo altruísta, afinal, quem doa está salvando vidas. Além disso, essa atitude é capaz de promover indiretamente tolerância e respeito para com seus pares, sem distinção de raça, etnia ou sexo. Mas... o que isso tem a ver com sustentabilidade mesmo? Você provavelmente já deve ter ouvido falar dos ODS, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da ONU - Organização das Nações Unidas. O 3º ODS dessa agenda visa “Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades”.

Nisso está incluso, por exemplo, a diminuição substancial na morte de acidentados e crianças, que muitas vezes podem depender de uma transfusão de sangue para sobreviver. Assim, fica mais evidente que essa ação, principalmente neste período de pandemia, incentiva a promoção de uma sociedade mais sustentável, pois, além de ser uma atitude cidadã, contribui para a minimização do colapso na área da saúde, salvando pessoas.

A sustentabilidade pode e deve estar presente em toda a nossa rotina. Aqui foi abordado um único caso, porém, diante da situação atual do mundo, nós precisamos ser mais humanos, praticar a empatia não só com nossos pares, mas também com o ambiente em que vivemos. É indispensável que a gente se solidarize e reflita sobre como

vivemos e como queremos viver daqui em diante, de preferência promovendo o equilíbrio e o bem-estar da nossa sociedade.

Saiba mais:

[#EuDouOSangue](#)

Respostas da natureza ao isolamento social

Thays da Silva Soares
Thiago Araújo

No momento presente, tempo de pandemia da COVID-19, sigla para “**CO**rona **VI**rus **D**isease” (Doença do Coronavírus), está sendo travada uma luta mundial contra um vírus impossível de ser visto a olho nu, mas que tem um impacto enorme na saúde das pessoas e no modo que elas agem em relação a isto. Até então, o melhor método preventivo é o distanciamento social, seguido pelo uso contínuo de máscaras e constante lavagem das mãos com água e sabão. No Brasil, a quarentena foi decretada, primeiro, em São Paulo no dia 24 de março, seguido por outros estados, a fim de manter o distanciamento social e diminuir a circulação do vírus entre as pessoas, “achatando a curva”. Em outras palavras, diminuindo o número de pessoas contaminadas dentro de um curto espaço de tempo. No entanto, a forma como cada cidade, estado e país e sua respectiva população está reagindo à pandemia não é homogênea. Alguns países mantêm altas taxas de isolamento social, contudo, outros, como o Brasil, demonstram dificuldades em sua implementação, [chegando a taxas de 50%, um valor muito baixo, quando ideal seria 70%](#).

A quarentena não está causando impacto apenas na vida e rotina do *homo sapiens sapiens*, ou seja, nós, espécie humana, mas também em outras formas de vida. Em meio à visão antropocêntrica, na qual o ser humano se considera o ser dominante entre as espécies e o meio ambiente, o fato de, momentaneamente, sairmos de cena, causou uma repercussão à querida Mãe Natureza. Citamos

alguns casos, como o dos leões que foram vistos tirando um cochilo em estradas na África do Sul, ou na Tailândia onde houve uma [guerra entre gangues de macacos](#) por alimentos devido à falta de turistas que costumam alimentá-los. Outro exemplo é em Hong Kong, onde a ausência de visitantes no zoológico Ocean Park resultou em algo surpreendente: um acasalamento de pandas após 10 anos de tentativa ([veja na BBC](#)).

Exemplos mais comuns tomaram as redes no início da quarentena, você com certeza viu que as águas dos famosos canais de Veneza tornaram-se mais claras, uma vez que o tráfego diminuiu e os sedimentos da superfície associados à alteração da coloração permanecem no fundo ([veja no G1](#)). Há ainda diversos casos de praias desertas que, sem a presença e interferência de humanos, em que estão sendo registradas a presença de tartarugas e a eclosão de ovos, em maior número e segurança, como é o caso da tartaruga-gigante, espécie ameaçada de extinção. Além disso, de acordo com a PUC foram registradas quedas significativas de emissão de dióxido de nitrogênio no ar na região metropolitana de Campinas, e por meio de imagens divulgadas pela NASA, constatou-se que houve diminuição da poluição do ar na China (em comparação com a mesma época em 2019) devido à paralisação de atividades industriais.

Tais informações tornam possível notar com mais facilidade os sérios impactos ambientais que o ser humano causa a natureza, seja devido à reafirmação da ideia antropocêntrica de que a natureza é meramente um objeto de seu gerenciamento ou pelo simples habitar, que impacta e altera a dinâmica de outros animais no ambiente. Por exemplo, um dos fatores que mais impactam a biodiversidade é a superexploração (quando a taxa de

retirada de indivíduos das espécies da natureza é superior à reprodução ou plantio), exemplificando, é o que acontece na exploração de madeira, caça e pesca.

Bom, para esclarecer... O intuito aqui não é julgar e culpar o ser humano a respeito de suas ações, mas, sim, incentivar e promover uma onda de mudanças de hábitos. Como disse Rachel Carson, bióloga, cientista, escritora e ecologista: *“o ser humano é parte da natureza e sua guerra contra ela é, inevitavelmente, uma guerra contra si mesmo”*. Portanto, que tal utilizarmos esse período de quarentena e desaceleração para pensarmos sobre nossos hábitos de vida e de consumo. Com atitudes simples é possível criar e alimentar essa onda de mudanças.

E agora te convidamos a uma reflexão, você já parou para pensar quanto as suas atividades diárias influenciam na emissão de carbono? Não? Então aqui está um desafio: descubra quantas árvores você, caro leitor, cara leitora, precisa plantar anualmente para compensar os impactos negativos que causa à natureza, mas é claro, leve em conta seus hábitos pré-quarentena. Tenha esse exercício como incentivo para adotar atitudes e hábitos mais sustentáveis.

Sabemos que uma hora o distanciamento social vai acabar, então voltaremos a habitar os locais como antes. Haverá um sentimento de libertação, mas que haja também empatia em relação não só aos outros humanos e suas perdas, mas também ao ambiente em que vivemos, e com isso a mudança certamente virá, seria ótimo se retornássemos a “normalidade” como pessoas melhores e conscientes. Nós, humanos, fazemos parte da natureza, somos uma espécie como todas as outras que habitam o planeta. A importância do respeito ao ambiente não se limita apenas a contínua existência de bens e serviços para gerações futuras, mas principalmente, para compreensão

que coexistimos em um planeta com diversas formas de vida, e que todas, possuem igual importância na natureza.

Acesso à cultura no Brasil

A exposição nua e crua do retrato da desigualdade

Giovanna dos Santos

Quando falamos em cultura, podemos estar nos referindo a diversos aspectos, uma vez que o significado de cultura não é capaz de ser associado de modo único. É amplo e complexo, e abrange tanto hábitos, crenças e conhecimentos de uma determinada sociedade, quanto as suas formas de manifestação artística e técnica. Abordando o termo cultura com referência as manifestações artísticas e técnicas, é afirmado na [Declaração Universal de Direitos Humanos](#) (DUDH), instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, que “todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios”.

Observando o acesso à cultura no Brasil, notamos que este se encontra intimamente ligado as questões sociais, econômicas, demográficas, raciais e políticas, o que o torna desigual e vai contra o previsto na DUDH. Na quarta edição do Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, é possível observar numa rápida leitura dos dados que a diferença de acesso da população preta e parda a equipamentos culturais está diretamente relacionada com as regiões do país. No Sul e Sudeste, onde a maioria da população é branca, há maior concentração de bens culturais. Já no Norte e Nordeste, onde a maioria da população é preta e parda, o número de equipamentos culturais é reduzido. Deste modo, se percebe

a forte conexão entre a desigualdade regional e a desigualdade racial, que é construída há muitos anos na história de povoamento do país e se perpetua até hoje. Regiões como a Sudeste, que foram adotadas como centro de produção no passado, carregam os reflexos até hoje, tanto em sua importância econômica para o país, como na prevalência racial que carrega.

Além desses aspectos, uma questão de grande relevância para a desigualdade do acesso, é a questão econômica. Na maioria das vezes, a possibilidade de usufruir de produções culturais está associada a condição de pagar por aquilo, como, por exemplo, cinemas, teatros e museus. De acordo com o IBGE, 12.9 milhões de novos desempregados foram registrados no primeiro trimestre de 2020, para todos estes brasileiros, como para aqueles que sobrevivem com o atual salário mínimo, a escolha por produções culturais não é vista como prioridade, e tão pouco resta dinheiro ou existe facilidade de acesso para isto, levando em consideração a disponibilidade de espaços culturais nas diversas regiões do país, uma vez que há maior concentração em determinados municípios, principalmente capitais.

O atual cenário de distanciamento social no país, devido à pandemia do novo Coronavírus, tornou as desigualdades sociais um problema escancarado. Outro exemplo é associado ao acesso à internet – que por sua vez, conecta-se às questões sociais, econômicas, regionais e raciais – como um dos principais meios de entretenimento. Afinal, será que a população preta e parda tem acesso às mídias digitais e chuvas de “lives” como forma de entretenimento?

Todavia, observa-se também que, diante da pandemia, equipamentos culturais inacessíveis para uma

parcela significativa dos brasileiros, seja pela distância ou custo, tornaram-se mais acessíveis por meio da internet através da visitação online de diversos museus, parques e galerias do mundo, entre eles a Pinacoteca de São Paulo, que oferece uma visão de 360° de suas principais salas.

Existem diversos aspectos que potencializam a dificuldade do acesso à cultura no Brasil, e a viabilização deste acesso deve ser constante e partir, inclusive, da própria sociedade, como por parte de projetos gerados nas Universidades Públicas, possibilitando o acesso da comunidade a diversos assuntos e produções. Instituições e empresas privadas também devem participar desta viabilização. Iniciativas de projetos culturais gratuitos são de extrema importância, principalmente nas regiões que não possuem espaços culturais. Entretanto, a democratização deste acesso deve ser executada, principalmente, por parte das autoridades municipais, estaduais e federais, que possuem a obrigação de fornecer o acesso à cultura para todos. Aproveito e deixo como sugestão quatro museus que pode visitar gratuitamente, por meio da internet. Enquanto visita, vale refletir sobre a problemática do acesso a cultura, apresentada neste texto.

Sugestões de visitação on-line:

[Pinacoteca](#), São Paulo.

[Casa de Anne Frank](#), Amsterdam.

[National Air and Space Museum](#), Washington.

[National Museum of Natural History](#), Washington.

Professor em Formação

Dificuldades de ensino e aprendizagem durante a pandemia de coronavírus

Cássio Alberto do Nascimento

Minha relação com a sala de aula foi alterada devido a uma crise sanitária, assim como as de centenas de milhares de outros estudantes universitários e tantos outros da educação básica. O Coronavírus é um agente patogênico que se propaga rapidamente, infectando pessoas, ocasionando mudanças nas relações e impedindo que estudantes e professores utilizem a sala de aula como de costume — há diversos outros espaços presenciais que se constituem como locais de aprendizado. Contudo, temos de permanecer atuando dentro de nossas responsabilidades para com o outro. Como professor, observei a necessidade de escrever sobre este tema, e agradeço ao convite dos editores por me permitirem expor meu olhar sobre a crise.

Estudante na Universidade Federal de São Paulo recebi, há pouco mais de dois meses, notícia sobre o confinamento decretado pelo governador de São Paulo. Neste contexto, segue meu olhar:

1º Imaginei uma pandemia que duraria algumas semanas e pensei que tão logo prosseguiria com minhas atividades de ensino e aprendizagem. No decorrer das semanas, houve a possibilidade de vídeo-aulas serem uma consequência natural de ocupação desses novos espaços criados pela pandemia. Ação que desconsidera as condições de acessos de estudantes egressos de escolas públicas, como eu, que sou privado de poder me dedicar

integralmente aos estudos, além de ser discriminado racialmente.

2° Como experiência pessoal, decidi assistir a alguns vídeos de Geografia, num canal chamado Gabaritageo, voltado para concursos públicos, vestibulares e, principalmente, para o Exame Nacional do Ensino Médio. Sou apenas um curioso da área, mas assisti ao professor Jean e me questioneei sobre a possibilidade de fazer vídeos de Matemática — minha área de estudo — para estudantes que queiram vivenciar a trajetória universitária, semelhante às escolhas que fiz. O canal foi muito bem elaborado, principalmente no que lhe concerne os assuntos geográficos, como o tema desenvolvido em vídeo sobre formação de chuvas na Amazônia, que assisti algumas vezes, e acrescentei minhas dúvidas no aplicativo de busca, procurando respostas. Caro leitor, cara leitora, repare neste comentário em específico. Tal dificuldade encontrada se deu pela impossibilidade de fazer perguntas diretamente ao professor ou ainda de poder compartilhar com colegas. Características facilmente notadas no ensino remoto. O tema dessa aula foi bem apresentado, com vídeos da Amazônia, diversos dados, facilmente servindo para complementar uma aula presencial sobre o assunto. Complementar, não substituir. Pensei acerca dos desafios de estudantes, como eu, privados de recursos materiais e, possivelmente, futuros beneficiários das políticas públicas de reservas de vagas, acessarem conteúdos de matemática e como isto poderia contribuir em suas formações.

3° Quando estava no momento de prestar vestibular, a educação, para mim, era uma nova descoberta. Relacionei aprendizados com experiências de vida, alguns professores de cursos populares facilitaram o processo, o qual me dediquei. Não tive possibilidade de me preparar

com estas novas técnicas e tecnologias, procurei bibliotecas e cursos presenciais, agora, como professor, além dos problemas de fazer um convite satisfatório para os estudantes, minha intenção de ensinar me fez questionar algo: como humanizar uma aula mediatizada por *softwares* e equipamentos físicos?

Este sistema de objetos tecnológicos que está ao nosso redor, colabora para formar conjuntos de ações que se relacionam. Um computador, por exemplo, precisa de outros objetos, tomadas com eletricidade corrente, roteadores de „internet“ e mesa. Conseqüentemente, o estudante, obrigado, torna-se consumidor: comprando um dispositivo “pessoal”, consumindo energia elétrica e acesso à rede. O trabalho empregado nestes objetos técnicos carregam possibilidades, aliás, sua contradição. Os objetos ficaram mais flexíveis, podendo seguir comandos simples, abertos, deste modo, à criatividade — lembrando que os maleáveis *softwares* são mais valorizados do que os endurecidos equipamentos físicos, justamente, por permitir imaginação e originalidade. Já com as ações, há possibilidades de uma realização concreta que modifica as relações no cotidiano, produzir em alguns estudantes, que acessem conteúdos didáticos na rede, o sentido particular para desenvolver suas habilidades. Antes destas novas tecnologias de comunicação, estes objetos técnicos eram mais duros à criatividade.

Aquele estudante, em seu cotidiano, que precisou de transporte para conhecer outros, hoje, pode ter facilidade com as redes de comunicação: é uma gama de experiência de mundo, sem sair de casa. Se, por um lado, propicia o encurtamento das distâncias e do conhecimento, por outro, exige que as pessoas tenham ações pré-determinadas. Os objetos e as ações estão conduzindo

atividades, estas e aquelas reproduzidas sem intenção consciente ou propósito. Mais evidente, no ato de educar, aprendi, com vídeo-aula, que educação significa, apenas, aplicar algo em alguma coisa. Desta mesma forma, os estudantes não aprendem o sentido moral e os significados políticos de se educar — ser social. Estudantes que não se veem, nem se percebem, tampouco concebem uma possibilidade ética à atividade capitalista que, entre outras coisas, exerce uma produtividade imoral. Daí Educar é um processo social... E vídeo-aula, educa?

4° Para finalizar, entendo a sala de aula como um território onde existem sistemas de objetos maleáveis por interação social. Esta estimula a ação de concentrar no professor a gestão da sala de aula, de forma que possa conduzir o aprendizado. Ainda que novas disposições, por exemplo, círculos de cultura, estimulem o diálogo, os estudantes desprovidos de capital econômico-financeiro, ainda não conseguem manter suas atividades escolares, são excluídos por costumes, significados e burocracias. Este modelo de escola com significados sociais demarcados discrimina estudantes pela renda ou cor de pele. Neste caso, veja bem, mesmo com suas contradições, a escola segue como território rico em interações, *locus* privilegiado de formação, para produzir possibilidades de ensino e aprendizagem, além de ser menos excludente — há muitos brasileiros, como eu, que se identificam como negros e têm mingüado ingresso na rede mundial de computadores, infelizmente, são excluídos. Assim, mais abrangente que as condições apresentadas por boas vídeo-aulas, a escola presencial humaniza o ensino e aprendizagem.

O programa Inova Educação e a sua importância para as habilidades socioemocionais

Leticia Moreira Viesba

Na perspectiva de abordar as habilidades socioemocionais na escola pública, o Governo do Estado de São Paulo criou em 2019 o programa Inova Educação, que começou a ser implementado em 2020 – pré-pandemia. Entre as modificações previstas no cotidiano da comunidade escolar, se destaca a mudança na duração das aulas (de 50 para 45 min), o aumento na quantidade, sendo acrescentadas 2 aulas da disciplina Projeto de Vida, 2 da disciplina Eletiva e 1 aula da disciplina Tecnologia, à carga horária dos estudantes.

A proposta dessas disciplinas, prevista em seu projeto e vista nos cursos formativos, é de aumentar a interação social entre estudantes e professores, de forma a abrir espaço para que outros temas e habilidades possam ser discutidos. Assim, nesta coluna, busco apresentar as três disciplinas, bem como fazer questionamentos sobre as práticas de ensino, conforme também será discutido com maior profundidade na Live, hoje à noite, no segundo encontro do I CEnFor – Ciclo de Encontros Formativos da [Comunidade Movimentos Docentes](#), cujo tema será: “Potenciais da iniciação científica atrelada à educação no contexto pós pandemia”, a gravação estará disponível na [página do ObES](#). Aliás, se você ainda não participa da Comunidade Movimentos Docentes, sugiro que ingresse agora mesmo. Esses encontros formativos partiram de lá e, além das discussões e reflexões, tem muito conteúdo

interessante sendo compartilhado. Você será muito bem-vindo e bem-vinda.

Quanto às disciplinas do Inova, são elas:

Projeto de vida – essa se trata da aplicação de oficinas e atividades que permitem a discussão e apoio no planejamento das ações escolares e do futuro de cada estudante. A disciplina permite que os estudantes possam compreender e expor sonhos, planos futuros e perspectivas, tanto profissionais, quanto pessoais. Contudo, particularmente, o que tenho visto no cotidiano dessa disciplina são diversas barreiras, entre elas a dificuldade em se expressar, a formação específica do professor para dar direcionamento as discussões trazidas, e a que eu considero principal, a falta de perspectiva futura. No meu entendimento, em uma disciplina que aborda o planejamento e estratégias sobre o futuro dos estudantes, surge um enorme desafio para os professores ao se deparar com a falta de perspectiva atual, isto não só durante o momento em que vivemos, mas pré-pandemia, principalmente. Depois de 2 meses de aula no início do ano letivo – 2020 - o mundo começou a viver uma nova pandemia, e como será que se dá a vivência dos estudantes frente ao longo distanciamento social, o qual ainda estamos vivendo e não sabemos quanto tempo vai durar?. Aquele estudante que nós queríamos convencer que encontraria um futuro brilhante pela frente, que existem inúmeras razões para viver e viver feliz, hoje se encontra trancado em casa, sem contato com os colegas e professores, sem ir para a escola, nem brincar na rua, tampouco interagir fisicamente como esteve habituado desde que nasceu. E, para piorar, com inúmeros problemas dentro de casa que nunca existiram, nunca foram tão graves ou foram acentuados com a crise

sanitária. Vê a importância do Projeto de Vida? Melhor, o potencial que apresenta?

Tecnologia – que apresenta como proposta ser um ganho, uma forma de instrumentalização para os estudantes, de forma a oportunizar o contato com equipamentos e metodologias mais tecnológicas do que as que já tinham acesso. De novo, ressalta-se a formação do professor de escola básica que nessa disciplina precisa, não raras às vezes, superar suas próprias limitações tecnológicas concomitantemente as dos estudantes. Novamente citando, depois de poucas semanas de aula veio a pandemia que deixou estudantes e professores reféns de aplicativos e ferramentas os quais não receberam preparação para utilizar. Essa tecnologia, agora necessária, se torna obrigatória para que se faça uso do direito à educação. Seu uso de forma inadequada, as dificuldades de acesso e inaptidão contribuem no aumento do desânimo dos estudantes. Não só em alcançar seus desejos futuros, mas também em consolidar uma das poucas coisas que eram certas em seu cotidiano nessa idade: a obrigação em ir para a escola.

Eletivas – disciplinas que permitem que os mais diversos temas possam chegar ao conhecimento dos estudantes, as mais diferentes aulas que os professores puderam elaborar e consolidar. O contato com os dons particulares dos professores foram colocados em público neste momento. Cada professor elabora uma eletiva diferente com a proposta de engajar seus estudantes os quais ganham a oportunidade de aprender temas que talvez nunca tivessem contato. Alguns dos temas propostos foram culinária, teatro, meio ambiente, hortas, medicamentos, preparação para as universidades, e dezenas de outros que não tive acesso. Infelizmente, com

as aulas on-line o contato com aquele dom especial do professor, e dos seus colegas, o distanciamento nos tirou.

Finalizo aqui, como já disse, no meio da história. Os estudantes de escolas públicas do Estado de São Paulo estão há 76 dias em casa, sem perspectivas de quando e de que forma a nossa rotina voltará ao normal, tampouco quão “normal” será. Por hora só nos resta, como professores, nos preparar, buscar formações, discussões e diálogos que nos deixem mais bem preparados para quando voltarmos para o contato com nossos estudantes, estarmos dispostos a encarar as histórias, aprendizados e déficits potencializados e obtidos durante o distanciamento social. Espero que em breve possamos nos encontrar pessoalmente, olhar olho-no-olho e juntos seguirmos, criando novas e firmes perspectivas de vida e aproveitando da felicidade que matar a saudade vai trazer.

Estamos longe, porém juntos!

Um antigo projeto da legalização do desmatamento da Amazônia

Por que devemos nos mobilizar contra a PL 2.633/2020, antiga MP 910, e a grilagem de terras?

Sarah Arruda

Não tem como começar este texto de outra forma: *A oportunidade que nós temos, que a imprensa está nos dando um pouco de alívio nos outros temas, é passar as reformas infralegais de desregulamentação, simplificação, todas as reformas [...]. Então, pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas [...]*

Trechos da fala do Sr. Ministro do Meio Ambiente em reunião interministerial em 22 de abril de 2020.

As discussões sobre a MP 910 (Medida Provisória) estão gerando uma grande movimentação nas redes sociais, mas afinal de contas, o que é a grilagem de terras e o que a MP 910, agora PL 2.633 propõe? A grilagem de terras é conhecida como a falsificação de documentos como escrituras e títulos de terras, que hoje são declaradas como terras públicas, da união, estados, municípios ou até mesmo terras de terceiros. O termo grilagem se refere a uma antiga prática de falsificação de documentos, que eram colocados em uma gaveta com grilos, devido ação dos insetos o documento ficava com uma aparência mais envelhecida, dando cara de verdadeiro ao documento falso.

Embora a prática ainda exista na atualidade, os grileiros, além da falsificação dos documentos, realizam o registro da propriedade em órgãos governamentais, dando uma “validade” para a falsificação, sendo ainda mais difícil de identificar as fraudes. Além disso, com uma fiscalização deficitária e a falta de registro unificado para o cadastramento, inúmeras propriedades ilegais se consolidam, principalmente em áreas com interesse socioambiental.

É dentro dessa perspectiva que a PL 2.633 está fundamentada. Ela basicamente legaliza terras ocupadas de forma ilegal, inclusive áreas públicas na Amazônia Legal, que já vem sendo desmatadas. E agora, você deve estar se perguntando, como isso funciona na prática? Basicamente o cadastramento das propriedades será feito com base em uma autodeclaração, o “proprietário” irá informar a extensão de suas terras por meio da planta com a descrição de tudo que compõe a propriedade. Neste documento deve conter as coordenadas que definem a área ocupada, devendo ser assinado por um profissional habilitado. No entanto, não haverá vistorias preliminares da área declarada, apenas se esta já tiver sido alvo de infração ambiental. Dessa forma, a legalização das terras será baseada na palavra do declarante, sem qualquer laudo ou relatório técnico para confirmar a veracidade das informações.

Mas será que a medida vale para qualquer local? Sim!!! Para todas as terras que são consideradas públicas e classificadas como função indefinida, ou seja, ainda não foram designadas nem como parques nacionais nem como reservas extrativistas. E por que a Amazônia ganhou mais evidência nas redes sociais? Embora eu tenha mencionado que qualquer terra pública pode ser legalizada, a maioria

das terras sem a dita “função”, se encontra na Amazônia Legal. Nesta área estão concentrados 57 milhões de hectares de terras públicas e a medida permite que áreas desmatadas até 1.000 hectares sejam dadas a quem as desmatou. Uma arbitrariedade, sem dúvida alguma!

Já é ruim até aqui, certo? Mas além de todos os pontos que mencionei anteriormente, destaco abaixo os maiores problemas dessa PL que gerará o caos, se aprovada.

1 – A proposta foi idealizada pela bancada ruralista, que possui um [histórico](#) de elaborar medidas que visam à absolvição de desmatadores. Em nenhum momento foi realizado um estudo técnico para embasar a proposta, não existindo qualquer justificativa [técnica ou jurídica](#);

2 – Uma das principais justificativas para a aprovação da MP é de que ela favorece pequenos agricultores. Pois, será realizada a sua regularização fundiária, que consiste em medidas jurídicas, ambientais e sociais que fornecem subsídios para que a propriedade seja reconhecida legalmente. No entanto, o limite de declaração de terras é de 1.000 hectares, que é considerado pelo INCRA como uma média propriedade. Assim, se o objetivo fosse auxiliar os pequenos produtores, a área máxima passível de declaração seria menor do que a proposta. Aqui vale destacar que o limite na MP 910 era de 2.500 hectares, na PL 2.633 o limite foi reduzido para 1.000 hectares;

3 – De acordo com o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), a grilagem de terras é a principal responsável pelo desmatamento na Amazônia, entre 2018 e 2019, cerca de 3.416 quilômetros quadrados foram desmatados. Ou seja, a legalização de terras ocupadas de forma irregular é uma carta branca para o desmatamento e

para destruição da biodiversidade. Uma vez que quem desmata pode adquirir a propriedade legalmente por meio de medidas como esta.

4 – Os povos indígenas possuem uma forte relação com a natureza, terras demarcadas são de extrema importância para a preservação da biodiversidade, uma vez que nestes locais a floresta é mantida em pé e é protegida por seus ocupantes. No entanto, as terras que ainda não iniciaram o processo de demarcação, ou não tiveram demandas registradas na Ouvidoria Agrária Nacional, podem ser declaradas pelos grileiros. O que mais uma vez incentiva tensões no campo e contribuem para o aumento no número de mortes durante esses conflitos.

5 - A discussão da proposta não incluiu a participação popular, e de acordo com o andamento do processo, não irá incluir. Logo, a votação de uma proposta tão importante sem a participação dos principais interessados é absurda.

Por fim, embora não possam ser feitas manifestações presenciais, devido ao distanciamento social causado pela COVID-19, existem maneiras de combater diretamente a aprovação da MP 910/PL 2.633. O ativismo de “internet”, ou ativismo do sofá, tem se mostrado altamente combativo, foram criados diversos abaixo assinados para impedir a aprovação da proposta. Em um primeiro momento a MP 910 que não foi discutida até a data prevista, acabou sendo retirada definitivamente da pauta. No entanto, foi transformada na PL 2.633, por isso devemos continuar nos mobilizando, compartilhando as informações sobre o tema e assinando os abaixo assinados, deixo os links no final da matéria. E por último e não menos importante, pressionem os deputados e senadores para votarem contra esse projeto de lei. Mensagens em seus perfis nas redes sociais, e-mails, demonstram que a população está combativa e

ciente do que está acontecendo, gerando pressão pela negativa na votação da PL. A preservação do meio ambiente depende de todos nós!

[Petição do @WWF_Brasil - Assine!](#)

Sugestões de leitura:

ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia por uma economia do conhecimento da natureza**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

MARGULIS, Sergio. **Causas do desmatamento da Amazônia brasileira**. Brasília: Banco Mundial, 2003.

A importância de cooperar

Lara Santana

Ainda esses dias, em certo marasmo causado pela pandemia, me dei conta de quão cooperativa nossa vida cotidiana necessita ser, para que as ações, por mais simples que sejam, efetuem-se de maneira aparentemente "natural". Estamos vivendo semanas de várias drásticas mudanças sociais, onde nossos corriqueiros atos e até mesmo pensamentos se tornaram obsoletos diante da inércia causada pela quarentena e distanciamento social. Somos bombardeados diariamente com postagens, notícias, "textões do face", que mais parecem perpetuar nosso próprio sofrimento do que nos auxiliar em como sobreviver à essa realidade.

Nunca tornei a olhar o "cooperar" como um ato intrinsecamente importante no meu dia a dia, estava tão acostumada a pegar o mesmo ônibus, usar as mesmas combinações de roupa, escutar a mesma *playlist* no celular, e sentar na mesma cadeira durante as aulas, que jamais, se não fosse pela atual crise, teria me posto a pensar, e se o motorista que dirige o mesmo ônibus que pego, não o dirigisse mais? Você me diria, outro o dirigiria, mas não se trata de quem o faria, mas de QUEM o faz.

Se eu não me levantasse todos os dias predisposta a estudar em um município que fica a 2 horas de distância da minha casa, e se o meu professor não se propusesse a preparar horas de aula para mim e meus colegas, de que valeria o dia? A semana? O mês?

O **cooperar** o qual busco refletir aqui, não é apenas o físico, mas o psicológico e o emocional. Vemos hoje, mães atarefadas, exaustas, e sem preparo pedagógico diante de uma tela, se indignando em como pode um professor querer ofertar apenas 20 minutos de aula para o seu filho, esse mesmo professor, que atarefado, exausto, e sem destreza tecnológica, se desdobra horas para ofertar 20 acessíveis minutos de aula para seus alunos.

Nossa responsabilidade diária se mostra hoje no cooperar entre nós, com o vizinho, com o familiar distante, com o cachorro do quintal e até com o morador da cidade vizinha. Indago-me em o que ocorreria se não tivesse eu, atarefada, exausta, e sem (tanto) preparo psicológico para lidar com tensões diárias, me predisposto a escrever esse texto. Provavelmente, teria passado mais um dia com todos estes pensamentos entalados “goela abaixo”, culpando todo e qualquer pobre coitado que ousasse cruzar o meu caminho.

Cooperar vem do latim *cooperari*, que significa trabalhar junto. É interessante expor a etimologia da palavra, pois sempre achei que mostrando a origem e o significado real de algo, somos mais abertos a entender em que ponto um autor ou apresentador busca chegar com um tema.

Creio que como alguns colegas já abordaram em outras colunas, a quarentena se mostra necessária por diversos motivos além do "evitar maiores contágios". Nós nunca paramos com nossas atividades por mais "livres" de tempo que estivéssemos. O tempo é uma questão "subjéctiva", como diria Lucy (Scarlet Johansson em Lucy), nos damos tempo, queremos tempo, achamos tempo.

A quarentena veio dizendo "terás tempo", mas para o quê? **Para cooperar.** Para cooperar a distância com o professor que o ensina, para cooperar com a casa que você tanto julga fácil de organizar, para cooperar com a leitura daquele livro que há anos promete ler, para cooperar com a atenção que promete há anos dar a alguém, para cooperar consigo mesmo que promete há anos dar-se ao menos um dia de descanso.

Estamos em busca da cooperação diária, de trabalharmos juntos para que isso passe, passe rápido e naturalmente, como julgávamos nossos outros dias. Para cooperarmos no entendimento de que as vidas importam, de que o preparo para o estudo importa, de que o ser livre importa. Cooperar para que eu importe, para que você importe, para que ele e ela importem, e que no fim, todos nós, e todos os nossos, importem e se importem.

Cooperar é essencial para a (sua) sobrevivência

Adaptado de Yuval Harari, em *Sapiens*, uma breve história da humanidade. Aliás, fica como sugestão de leitura!!!

Sugestão de leitura:

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** Uma breve história da humanidade. São Paulo: L&PM Editores, 2018.

Violência doméstica

Um problema social intensificado pela máscara da quarentena

Erika dos Santos Brunelli

Você deve ser mais uma pessoa que, assim como eu, não vê a hora de poder abraçar quem ama, interagir pessoalmente com os avós, fazer coisas simples, como ir ao mercado sem sentir medo de estar se expondo demais, correndo o risco de ser infectada. A pandemia, causada pelo novo coronavírus, tem trazido muitas mudanças, sendo o distanciamento social a principal delas.

Durante esse período, as pessoas encaram esse fato de diferentes maneiras, cada uma com suas particularidades, mas também existem sentimentos em comum à maioria das pessoas, como a ansiedade, por exemplo, uma grande vilã. Embora todos estejam passando pela mesma pandemia, uma mesma realidade, temos diferentes condições, cenários e problemas frente à conjuntura atual - para alguns grupos sociais, como as mulheres, esses problemas têm sido ainda mais intensificados.

Acordar, preparar o café, lavar a louça e a roupa, limpar a casa, fazer o almoço, ajudar as crianças com as tarefas, preparar o jantar... Tudo isso somado ao *home office*. O período da pandemia tem sido muito difícil para muitas mulheres, pelo fato de estarem (ainda mais) sobrecarregadas com as tarefas domésticas, seja por ter que cuidar do filho que não está frequentando a escola/creche, por ter mais pessoas dentro de casa, por

estarem trabalhando por mais tempo pelo fato de “estarem em casa”, ou simplesmente por não terem o apoio de seus companheiros nessas atividades, deixando em evidência a desigualdade entre homens e mulheres, acentuando o estresse e os conflitos familiares. Além de escancarar a desigualdade de gênero, o isolamento imposto pela pandemia do coronavírus também acentuou os casos de violência doméstica. Cabe por em destaque uma concepção de Ribeiro (2013, p.36) que diz:

O termo gênero, por outro lado, aborda as diferenças socioculturais existente entre os sexos masculino e feminino. A violência de gênero pode ser entendida como “violência contra a mulher”, expressão trazida à tona pelo movimento feminista nos anos 70, por ser a mulher o alvo principal da violência de gênero.

Vivemos em uma sociedade historicamente machista e patriarcal, a qual coloca a mulher sempre como a culpada pela agressão ou pelo fim do relacionamento, fazendo com que esse assunto ainda seja um tabu para muitas, desestimulando-as a denunciar o agressor, por medo, vergonha, impotência ou ignorância sobre o assunto. E, infelizmente, para essas mulheres, a quarentena se caracteriza como um maior e mais intenso convívio com esse tipo de sofrimento, pois muitas vezes as denúncias só ocorrem por interferência de terceiros, por exemplo, amigas de trabalho que notam hematomas e se dispõem a ajudar e estimulam a vítima à denúncia. E com o isolamento, essas evidências têm sido mais difíceis de serem notadas.

O distanciamento social representa um grande obstáculo para acessar ordens de proteção e outras

atividades essenciais que salvam vidas, justamente por conta de restrições ao movimento durante a quarentena. É importante ressaltar que a violência atinge mulheres de todas as classes sociais, raças e faixas etárias. Este triste fato tem sensibilizado diversos setores, que estão abraçando a causa e tentando auxiliar as mulheres de alguma forma. A rede varejista “Magazine Luiza”, por exemplo, renovou sua campanha (já existente) contra a violência doméstica, disponibilizando em seu aplicativo um botão de pânico, disfarçado de produtos de maquiagem, o qual aciona o 180, disque-denúncia, que ampara mulheres em situação de violência. No mês de maio (em plena pandemia), as denúncias aumentaram 400% pelo aplicativo da “Magazine”. Quatrocentos por cento! E infelizmente esse número aumentou em muitos outros países também.

Além disso, muitas vítimas sequer sabem que estão dentro de uma relação de violência que, além de física, também pode ser moral, psicológica, patrimonial, sexual... Agressões psicológicas podem seguir para agressões físicas e levar até ao feminicídio. Por conta disso, a informação e o empoderamento feminino têm sido essenciais para que cada vez mais os valores éticos das mulheres sejam (re)construídos e disseminados. Principalmente neste período de pandemia (tempo de união e empatia), onde estamos precisando nos reinventar em diversos quesitos, o feminismo tem sido um importante veículo de educação, enquanto movimento político e social, ao proporcionar debates e lutando pela libertação de padrões patriarcais - o que está diretamente relacionado com a violência que as mulheres sofrem ainda hoje.

Não tem sido diferente nas campanhas de proteção à mulher, onde são criadas e divulgadas diversas correntes

condizentes a atual realidade, por conta do coronavírus. O Instituto Maria da Penha, por exemplo, produziu um vídeo que simula um caso de violência doméstica no período da quarentena, a qual foi identificada por meio de uma chamada de vídeo, tendo como objetivo estimular a denúncia. Outras diversas correntes também estão em circulação, onde mulheres fazem símbolos com as mãos, indicando que estão sofrendo violência, já que as denúncias estão sendo dificultadas, pelas vítimas estarem sob constante vigilância de seus agressores. Com isso, fica evidente a importância de se divulgar esse tipo de informação, conversar sobre o assunto e jamais se calar perante uma situação de agressão - física ou de qualquer outro tipo.

Sugestões de leitura e vídeos:

Cartilha elaborada pela (Emerj) – [COVID 19: confinamento sem violência](#)

Vídeo elaborado pelo Instituto Maria da Penha – [Campanha Call](#)

E-book [Mas ele nunca me bateu](#). Com histórias reais de mulheres que enviaram seus relatos voluntariamente para a página do Instagram [@maselenuncamebateu](#) como uma forma de desabafo porque sabem que ali não haverá julgamento, haverá acolhimento.

Folheto da ONU - [O direito das mulheres em meio à crise](#)

Matéria da Universa – UOL - [Mostrando os sinais contra violência doméstica durante a quarentena](#)

Série GNT – [O futuro é feminino](#).

Uma reflexão sobre a prática

A influência da quarentena em minhas concepções pedagógicas

Claudia Benitz

Em meio ao caos que se apresenta, os sentimentos de impotência e medo assolam o planeta. Diante deste grande desafio, a humanidade se abriga em seus lares, se afasta de seus entes queridos, seu trabalho, seus sonhos... E é em meio a este panorama que me encontro neste momento, repleta de desafios, encontrando na tecnologia uma forma de interagir com o mundo.

Sou da década de 60, pode soar clichê, mas já vi grandes passos da humanidade serem dados à minha frente: visita à lua, TV colorida, fac-símile, máquina de escrever elétrica, computador, câmera digital, celular, internet, entre outros. Essa enxurrada de avanços me constituiu enquanto ser flexível, que se adapta e se reinventa a cada dia. O tempo, que sempre correu à nossa frente, impiedoso e inexorável, hoje é nosso aliado, passa por nós acenando e nos convidando a repensar nosso dia de forma criativa, nos tornando mais seletivos com relação à nossa alimentação: corpo, alma, intelecto...

O consumismo desenfreado puxa o freio de mão, a TV se submete a um click e já não nos impõe sua programação que compactua com os princípios burgueses, alienadores e castradores. A globalização impulsionada pela tecnologia é nos dias de hoje, a nossa salvação e a nossa perdição também. Tudo na vida tem dois lados, prós e contras. Na mesma medida em que ela pode ter sido a grande mola propulsora para a disseminação da COVID-

19, também nos permite a interação com o mundo, e são estas interações que nos constituem enquanto cidadãos ativos e críticos em nossa sociedade. São estas interações que nos tornam humanos.

E é neste momento em que me encontro, buscando me conectar com o mundo por meio da tecnologia. Agora, ela não é mais um grande desafio a ser vencido, mas uma aliada, uma ferramenta que me auxilia a refletir. E dentro dessas reflexões, penso sobre o quanto preciso sair dessa quarentena transformada, reinventada. Esse divisor de águas em minha vida não pode ser em vão. Minhas reflexões permeiam os vários setores da vida: intelectual, espiritual, emocional, físico, profissional. E percebo que todos estão interligados, foram sendo tecidos em tramas, minuciosamente trabalhados e estão fortemente imbricados. No setor profissional, por exemplo, sou professora de Educação Infantil, na rede municipal de São Paulo, e neste momento de quarentena sinto falta das crianças e de como aprendo e cresço com elas.

Penso que não se pode conceber Educação Infantil e nenhum tipo de educação de forma segmentada, a criança é um sujeito real que se constitui a partir de suas interações sociais no mundo. E que mundo é esse? Um mundo, um planeta, que grita por socorro, pedindo ao ser humano que pare de maltratá-lo, poluindo mares e rios, jogando fumaça através de suas “chaminés” incansavelmente, produzindo lixos que demoram séculos para serem decompostos e extinguindo espécies que coabitam este planeta há milênios, maltratando sua própria raça com as desigualdades sociais, de gênero e cor. E é neste cenário, como pano de fundo, que ando refletindo sobre a vida e sobre minhas práticas.

A conexão com a natureza se faz presente em mim desde sempre. E penso que este maravilhamento que sinto ao observar uma borboleta se libertando do casulo, deve estar presente no meu olhar, nas minhas atitudes, nas minhas intenções ao planejar uma atividade e, principalmente, no momento em que a proponho às crianças. Permitir que o conhecimento seja emancipador de pensamentos. E estar vigilante para que o brincar esteja sempre presente. É preciso nutrir suas almas, e penso que a mãe natureza pode me auxiliar muito nesta tarefa. E refletindo sobre estas questões, me remeti a uma roda de conversa onde uma menina de três anos relatou o alagamento de sua casa durante uma chuva.

O rio encheu e entrou na minha casa.
A água estava muito suja, estava preta. O rio encheu porque o homem joga lixo no rio - Heloísa.

Essa provocação se materializou no Projeto Rei Midas, no CEI Rubens Granja. O que fazer com essa agrura da vida, esta nuvem que estorva a visão de uma criança aos seus três anos de idade? As abordagens foram as mais diversas, lembro-me que levei um cesto de lixo para o centro da roda de conversa que elencava as atividades a serem realizadas no dia. Questionei as crianças sobre o destino daquele lixo e percebi o grande ponto de interrogação em seus olhos. Iniciamos ali uma visita aos diferentes espaços da escola, onde o lixo era cuidadosamente separado e acomodado. A visita gerou muita risada, o grupo olhava atento para todas as direções. Os cestos de lixo iam aumentando de tamanho na medida em que o lixo era classificado e agrupado. Quando chegamos ao final de nossa travessia, encontramos no pátio da frente um grande container de resíduos

recicláveis. Eu extasiada naquele momento triunfal, ouvindo as crianças correrem em direção ao container com seus olhinhos brilhantes, gritando e apontando, mal percebi quando todos se posicionaram debaixo de uma frondosa árvore, apontando para os frutinhas pequeninos e amarelos que despontavam de seus galhos...

Neste momento, uma onda de frustração me acometeu, e percebi que toda a minha intencionalidade caiu por água abaixo. Em seguida, o projeto hibernou como um grande urso com o inverno que se fazia sentir e, com ele, o recesso. Quando retornamos, em agosto, o cenário era outro, as folhas estavam mais verdes, o chão mais seco e firme e as crianças tinham amadurecido muito. Amadurecimento esse passível de ser cortado com uma faca ao presenciar a cena que descrevo a seguir. Era frequente que alguns grupos do CEI não utilizassem o parque às segundas-feiras pela manhã devido à quantidade de lixo produzido pela comunidade que invadia o parque das crianças nos finais de semana. A coordenadora sugeriu que elaborássemos com as crianças uma atividade que abordasse este tema.

Eu acho que o adulto não deveria jogar lixo no nosso parque – Luana.

Meu vizinho joga lixo na minha janela
- Miguel

As crianças escreveram “cartas” que seriam entregues à comunidade num momento oportuno. Dias se seguiram até que o CEI foi invadido e o “Quintal Sonoro”, espaço muito apreciado pelos pequenos, foi destruído. A revolta estava instaurada, as crianças abrigavam um grito na alma que precisava ser ouvido! Fizemos cartazes, pegamos painéis, colheres, tampas. Colocamos nossas cartas num cesto e fomos para as ruas. Um painel ensurdecedor

despertava a comunidade para uma questão política que desabrochava nas falas das crianças quando abordavam vizinhos e pedestres que circulavam pela rua, defendendo seus direitos de terem os seus espaços preservados.

E estas crianças tinham apenas 3, 4 anos... Chorei... Demorei em perceber que o que movia o grupo ia muito além do lixo, havia um comportamento político, “sangue nos olhos” de crianças guerreiras que buscam ser ouvidas e respeitadas. O projeto, não demorou a vingar, ele estava ali a todo instante, se revelando em seus corpos, ávidos para se materializarem em produções que reverberassem suas concepções, intenções, crenças e dores. O seu nome mudou, as crianças se nomearam “Patrulha do Lixo”. E suas vozes foram ouvidas e materializadas em produções de diferentes linguagens que permearam o projeto, finalizado numa grande mostra de arte para os pais, no encerramento do ano. Não podemos, nem devemos subestimar as crianças e ficar cheios de dedos para estabelecer diálogos com elas. Devemos seguir seu fluxo, como um rio, como a natureza e abandonar nosso pensamento convergente com relação ao nosso papel enquanto educadores. Ficar atentos às suas “cem linguagens”, despertar nossos sentidos, “ter orelhas verdes”. E diante do que nos revela esta escuta, preparar espaços para receber nossas crianças e proporcionar-lhes grandes descobertas e brincadeiras que favoreçam sua aprendizagem, com muito prazer e com todo o direito do mundo!

Sustentabilidade e o filme “Avatar”

O que o longa-metragem nos contou há mais de uma década?

Arnaldo Antonio da Silva Junior

Com o panorama de isolamento social, se me fosse proposto indicar, em uma ordem de prioridade, quais serviços voltarão às suas atividades rotineiras, diria que a produção de entretenimento não seria tratada como uma demanda de retorno urgente. Contudo, temos observado alguns países e regiões lidando com a disseminação das infecções de tal maneira competente, que já executam planos de inclusão da indústria cinematográfica na volta às atividades, como é o caso da Nova Zelândia. Neste mês de junho, os neozelandeses autorizaram a retomada das filmagens das sequências de Avatar no país, mediante o cumprimento dos procedimentos de segurança. Dadas nossas necessárias reflexões sobre o mundo em mudança que estamos presenciando, o foco sustentável ao qual a coluna se dedica e a notícia de continuação das produções subsequentes de Avatar, tenho um pretexto apropriado para falar das relações indivíduo-ambiente na obra.

Avatar, filme de 2009, foi escrito e dirigido por James Cameron. Não pretendo aqui, me ater a detalhes de roteiro, mas, sim, direcionar minha atenção às possíveis inspirações sustentáveis que podemos extrair da obra. Um dos pontos fundamentais para entendermos as relações dos *Na'vi* (nativos do mundo fictício do filme) com o ambiente, já se revela em sua saudação: “eu vejo você”. A primeira leitura da frase pode produzir sentidos inseridos no campo da obviedade, entretanto, se investigarmos por

uma vereda mais profunda, identificamos outros significados envolvidos no âmago do cumprimento. “Eu vejo você”, para os *Na’vi*, está além do sentido da visão, designa respeito, enxergar o outro, o interior do outro. Outro elemento notável é a ligação dos *Na’vi* com a biodiversidade, que ocorre por meio do que se denomina *tsahaylu*. Esta ligação concede aos indivíduos a capacidade de sentirem o que o outro sente, sentirem a dor do outro. Tanto o “eu vejo você”, quanto o *tsahaylu*, podem representar a empatia naquela sociedade. Essa empatia, no mundo ficcional de Cameron, é sentimento que está intimamente conectado às relações mais cotidianas dos personagens, desde a saudação até o compartilhamento do ambiente com as outras formas de vida.

Segundo Gadotti (2008), sustentabilidade é o equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente, é harmonia entre os diferentes. O autor reflete sobre uma concepção sustentável que nos ajude a viver melhor na Terra, de forma justa, saudável, equilibrada e produtiva, em benefício de todas as pessoas. Essas definições de sustentabilidade aderem ao que observamos no filme, como a valorização da biodiversidade, do espaço, da cultura, do coletivo, das memórias do povo, do uso responsável dos bens e serviços. Porém, talvez o mais instigante de se acompanhar seja a trajetória de ressignificação de princípios e valores do protagonista, que somente é possível quando se permite conhecer o novo. Outro ensinamento da sabedoria *Na’vi* se refere ao quanto os indivíduos estão abertos a aprender: “é difícil encher um copo que já está cheio”. A frase nos comunica a respeito da necessidade de estarmos receptivos ao que não conhecemos, de modo que possamos estar em condição de

constante aprendizado e, dessa forma, evoluirmos enquanto seres humanos e sociedade.

Para que seja possível construir uma sociedade global auspiciosa no que se refere à sustentabilidade, devemos aprender uns com os outros, olhar para os exemplos promissores do mundo real (que existem) e nesse sentido, também retirarmos da arte, do cinema, da ficção, aprendizados que possam ser construtivos. Avatar, como sendo um produto de entretenimento, contém conflitos e antagonismos, que no caso da trama, estão centralizados em uma lógica predatória e destrutiva na exploração dos bens e serviços. Destrutiva, inclusive de vidas, o que é demasiado pernicioso, pois acredito que quando se banaliza a morte, banaliza-se também a vida. Se pensarmos na sustentabilidade, o longa-metragem contempla bons e maus exemplos e assim, nos brinda com ensinamentos valiosos, seja para nos inspirarmos no que é positivo ou nos distanciarmos do que seja negativo.

Confesso que, quando assisti Avatar pela primeira vez, na época de sua estreia nos cinemas em 2009, pensei sobre como estávamos distantes de viver em um mundo aprazível como o dos *Na'vi*. O planejamento da produção das sequências prevê o lançamento de mais quatro filmes durante os próximos anos, sendo que o último “longa” deve ser lançado em 2027. Posso estar sendo ingênuo, mas faculto a mim, o direito a essa ingenuidade. Tenho esperanças de que, pelo menos em 2027, quando assistir o fechamento da história de Cameron, eu possa estar vivendo em um mundo no qual minhas reflexões sobre o final de Avatar, me levem a pensar que estamos caminhando, ainda que timidamente, pela estrada da sustentabilidade e que o mundo está mais alegrador nesse sentido, do que estive para mim em 2009. São tempos

para revisitarmos Avatar e quem sabe, floresçam ideias para algumas lanternas que nos sejam oportunas nessa estrada. Sigamos em frente.

Sugestões de leitura e de obra cinematográfica:

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. 127 p.

CAMERON, James (dir.). **Avatar**. Produção: CAMERON, James; LANDAU, Jon. 20th Century Fox, 2009. (161 min.).

Quando passei a entender o caminho

Luana Lima

Pensar sobre a formação profissional, que carregaremos como nossa, tende a nos acompanhar por um longo período. Não foi diferente comigo e não o será com você, caro leitor! Deste modo, estamos “imersos em achismos”, crenças, valores, sobre possíveis caminhos a seguir, onde, nos são apresentadas, profissões “destaques”: ser médica, advogada, engenheira, veterinária... Calma! As formações possíveis e de “destaque” são, realmente, apenas estas? Depende! Felizmente, a opção profissional é, também, originária das relações que nos acompanham, isto pode vir a ser um problema, uma vez que as referências e as possibilidades de acesso universitário limitam-se, por exemplo, a situações econômicas, emocionais e tantas outras formas socialmente impostas, que evidenciam as desigualdades.

Ao decidir iniciar minha trajetória acadêmica, sabia que se quisesse acessar a universidade, enfrentaria as condições impostas, muitas vezes imperceptíveis, detalhes que poderiam dificultar minha admissão universitária, como exemplo, a necessidade em sempre ter de trabalhar para estudar. A universidade pública se apresentava incerta, afinal de contas, minha família não teria como inserir nas prioridades mensais despesas extras, para que pudesse estudar. Desta maneira, tudo era muito calculado, pensado e repensado.

Ainda que minhas preferências oscilassem, no final do ensino médio me vi encantada por Psicologia e decidi que seria este o caminho... Pesquisei, estudei, batalhei, fui

reprovada em universidades públicas e em particulares, como citei, dosava os fatores econômicos. O Programa Universidade para Todos (Prouni) estava no início, quando comecei a pretensão de admissão no vestibular. Além disso, ainda me era confuso e limitado, dado que por mais que parecesse facilitar o acesso ao ensino particular, ainda não me era o suficiente, e, também, parecia restringir minha possibilidade de ingresso ao ensino público superior.

O tempo passava e precisava iniciar minha vida acadêmica, uma vez que tinha me formado no ensino médio em 2007 (urgências da juventude)! Vi então, no técnico em nutrição a oportunidade para o “start acadêmico”, em julho de 2011 formei-me técnica em nutrição e passei na faculdade (particular) São Camilo, para ingresso no curso de Nutrição em agosto do mesmo ano. Orgulho para família, décimo lugar na lista dos aprovados no vestibular da instituição com possibilidade de bolsa, na mesma época, trabalhava na área comercial para uma grande indústria farmacêutica. “Estou no caminho certo”, pensei, mas me enganei... No segundo ano do curso, me encantou uma disciplina intitulada “Psicopedagogia da Nutrição”, por estar relacionada ao educar, ao aprendizado, porém descobri, em outras disciplinas, o desencanto da profissão, pensava com o que poderia trabalhar e ficava insatisfeita.

Até que ocorreu um episódio, o conhecido ‘*insight*’ provocado pela situação. Estava no ano de 2013, à noite saindo da aula, após um dia cansativo, quando fui abordada por um grupo de adolescentes que estavam entre 12 e 16 anos, fui assaltada, agredida. Uma dúvida me ocorreu: quais são as barreiras educacionais entre mim e o grupo de assaltantes? Todos jovens negros, assim como eu,

vindo de algum lugar distante da tão movimentada Pompéia, talvez com educação pública como a minha e com muitas possibilidades. Por que a educação brasileira é restrita? Por que estes jovens não são vistos, incentivados? Por que existe a possibilidade de não estarem na escola? Naquele momento quis compreender o que nos diferenciou.

Após o episódio, e anos adiante, comecei a compreender que os financiamentos e bolsas de estudos, têm acessos reduzido aos jovens periféricos. Ir a universidades como: Harvard, Yale nos Estados Unidos ou Oxford na Inglaterra, para nós, percorria a barreiras tão bem estruturadas, que tendiam a irrealidade. Há poucas oportunidades para alcançar objetivos que desconhecemos.

Assim, seguindo um famoso jargão, “com a cara e a coragem” mudei de curso, de universidade e lutei por uma nova bolsa. Estive em trabalhos exaustivos, com a finalidade de custear meus estudos. Para então, no final de 2016, conquistar o título de Psicopedagoga pela Unifio. Com orientação de pessoas próximas e pesquisas, optei em fazer uma pós-graduação para abranger ainda mais meu conhecimento sobre as dificuldades de aprendizado. Com isso, ocorreu oportunidade de atuar como educadora na Fundação Casa, antiga Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor - Febem - a convite do Senac Osasco, e em cursinhos populares. Frequentei diversas escolas públicas e casas de acolhimento para crianças, conhecidas como Saicas, além de atendimentos gratuitos como psicopedagoga.

Ainda assim, por valorizar o aprender e compreender que, enquanto educadores, temos de ter responsabilidade com o que partilhamos, arrisquei, novamente, e aos 29 anos ingressei em uma UNIVERSIDADE FEDERAL! Atualmente curso Ciências na Universidade Federal de São

Paulo - Unifesp. Estou ainda, aluna especial no PECMA - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

Todos os dias são uma nova oportunidade para seguir adiante, levantar a cabeça e sonhar. Não será fácil, terá obstáculos, mas a possibilidade em ser espelho para os meus pares, já me faz acreditar que venci.

Mas, se os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. - Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido.

O abismo social escancarado pelo Enem 2020

Movimentos para adiamento do Enem expõem desigualdade social e racial entre estudantes. Datas para exame estão sendo votadas sem discussão acerca da melhora no ensino a distância e inclusão de minorias.

Isabella Guedes Cavalcante

No dia 20 de maio, em nota oficial no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em decorrência das demandas da sociedade e às manifestações do Poder Legislativo em função do impacto da pandemia do Coronavírus no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2020, o Inep e o Ministério da Educação (MEC) decidiram pelo adiamento da aplicação do exame nas versões impressa e digital, até então previstas para o dia 01 e 08 de novembro e 22 e 29 de novembro, respectivamente. Após a decisão, foi informada a abertura entre os dias 20 e 30 de junho de uma consulta pública aos participantes do ENEM 2020 para escolha do período de aplicação das provas por meio de uma enquete a qual poderá ser indicada dentre três datas que variam entre 30, 60 e 180 dias, após data original do exame, sendo elas:

→ Enem impresso: 6 e 13 de dezembro de 2020 / Enem Digital: 10 e 17 de janeiro de 2021

→ Enem impresso: 10 e 17 de janeiro de 2021 / Enem Digital: 24 e 31 de janeiro de 2020

→ Enem impresso: 2 e 9 de maio de 2021 / Enem Digital: 16 e 23 de maio de 2021

Os movimentos que sucederam o adiamento do ENEM foram organizados por estudantes, docentes,

entidades estudantis e até *influencers*, inspirados, principalmente, pela *tag* #AdiaEnem promovida pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e União Nacional dos Estudantes (UNE) que realizaram petição online e tuitação nas redes, com apelo de atrasar a data do principal vestibular de ingresso no ensino superior do Brasil. Além de apresentar dados que escancaram a realidade dos estudantes brasileiros menos favorecidos em relação aos demais, baseando-se nos impactos que a pandemia e as aulas à distância estão causando na preparação dos estudantes, especialmente os de baixa renda, que em alguns casos sequer têm acesso à internet e a recursos de tecnologia fora do ambiente escolar.

O Enem é uma porta de entrada para a democratização do acesso ao ensino superior, principalmente por meio de programas como o Prouni e o SisU. Manter as datas da prova, que foram pensadas antes da pandemia, seria uma injustiça (UBES, 2020).

A pandemia obrigou as escolas a se adequarem a uma realidade de ensino a distância incapaz de atender 39% dos domicílios brasileiros que ainda não têm nenhuma forma de acesso à internet. E que além da falta de estruturas físicas para estudo, como ambiente apropriado e os recursos necessários para acesso às plataformas educacionais em suas casas, também é preciso levar em consideração a estrutura psicológica em que os jovens estão inseridos e como estarão ao final disso tudo, principalmente para quem teve familiares doentes, falecidos ou pais desempregados.

Em entrevista à CNN em 15 de maio, o ex-ministro da educação Abraham Weintraub, afirmou que o Enem “não é

feito para atender injustiças sociais e, sim, para selecionar os melhores candidatos”. Weintraub, com essa fala, não só ignora as desigualdades educacionais do país, como ainda promove e divulga uma campanha publicitária afrontosa a qualquer estudante pobre que um dia sonhou em ingressar em uma universidade. A problemática em si só piora quando o ex-ministro em conversas com senadores completa dizendo que “o Enem não foi feito para corrigir injustiças”.

Concordar com a fala em si não é o problema, pois de fato o Enem por si só não repara a desigualdade social, mas hoje vem sendo um importante portal para que, principalmente, jovens pretos e periféricos entrem na universidade. Ao desconsiderar todas as dificuldades para o jovem da periferia e achar que o ensino a distância supre o aprendizado presencial, esse portal se fecha, afirma Débora Dias, coordenadora dos cursinhos pré-vestibular comunitários da Uneafro, na Fazenda da Juta, zona leste de São Paulo, em entrevista ao El País: “Tivemos muitos avanços com a política de cotas, mas quando você ignora as dificuldades que esses alunos estão sofrendo, você reafirma que a universidade é um lugar onde eles não devem estar”, acrescenta.

Em meu entendimento, o ideal para definição da nova data do exame seria adequá-lo ao calendário escolar, isso quer dizer que somente após a volta às aulas da rede pública de ensino, pelo menos após um semestre completo, deveria acontecer o Enem. Pois, embora todos os estudantes, de alguma maneira, estejam sendo afetados pela suspensão de aulas presenciais, são aqueles em situação de maior vulnerabilidade social que se distanciam ainda mais da linha de chegada à universidade. E mesmo aqueles beneficiários das cotas no Sisu, têm a tendência de

encontrar processos ainda mais acirrados, já que não é um grupo homogêneo e que existem desigualdades internas, gerando mais desvantagens ao menos favorecidos.

Dentre as universidades paulistas, a USP, Unicamp e Unesp, que oferecem a maior parte das vagas via vestibular, anunciaram que aguardam a data definida do Enem para que possam definir seus calendários acadêmicos com acordo entre si e o Inep, já que algumas destas dependem dessa nota para computar seu sistema misto, além de evitar prejuízos aos estudantes que queiram realizar outros vestibulares. No contexto da pandemia, que exige o distanciamento social para controlar a contaminação, é muito difícil pensar em tirar mais de 6 milhões de estudantes de casa para reuni-los em salas de aulas lotadas, por horas, para realização da prova, mantendo o distanciamento social necessário e um baixo risco de contaminação com tantas pessoas envolvidas na aplicação e organização das provas. Questões sanitárias têm de ser pensadas, e até o momento nada foi declarado. Levar em conta todos esses aspectos pode nos ajudar a refletir quando, de fato, o exame deve acontecer baseado em discussões e tratativas técnicas, para alcançar o objetivo de educação de qualidade e redução de desigualdades para o país.

- Nota final, com contribuição dos editores: Abraham Weintraub deixou o Ministério da Educação em junho, mas antes, como seu último ato, revogou uma portaria que previa o estabelecimento de cotas para negros e indígenas na pós-graduação, como mais um dos atos controversos desde sua entrada no comando da pasta, afirmando sua falta de compromisso com o combate às desigualdades e discriminações raciais históricas no Brasil. Mais tarde, após sua saída, a pasta voltou atrás da decisão.

Weintraub, em nosso entendimento, contribuiu substancialmente no crescimento da desigualdade e do declínio de uma educação nacional democrática, universal e de qualidade. Em sua estadia, de pouco mais de um ano à frente do MEC, o ex-ministro só fez provar a necessidade de enfrentamento contra um sistema opressor. Paulo Freire vive, e seus ensinamentos e pedagogias seguem como combustível para nossa luta e esperança. Agora, esperamos para que o novo chefe da pasta dê um norte para o MEC, e gere menos impactos e prejuízos que seu antecessor.

E os pets durante e no pós-pandemia?

Uma pergunta que deve ser feita

Bruna Gimenez da Silva

Chegar em casa após um cansativo dia de trabalho ou de estudo, e se deparar com a felicidade de seu animal de estimação graças à sua volta, é um dos momentos mais gratificantes da semana, não é mesmo? Porém, devido à pandemia, consequente do novo Coronavírus, esta ocasião não tem sido muito rotineira, visto que, uma boa parte da população está integralmente em casa, trabalhando em *Home Office* ou então, tendo aulas remotamente. É um momento delicado de isolamento e, às vezes, é comum nos sentirmos sozinhos (as). Há quem tenha o privilégio de minimizar esta sensação ao partilhar os atuais dias na companhia de um pet. Já uma parcela dos que não convivem com eles, estão buscando pela adoção ou compra de um, o que é compreensível, por conta dos benefícios que essa relação tende a nos proporcionar. De acordo com estudos realizados pelo Centro de Nutrição e Bem-Estar Animal Waltham, 82% dos tutores de pets confirmaram um impacto positivo deles em suas vidas. Além disso, 64% dos entrevistados alegam se sentir mais felizes e relaxados pela presença de animais em casa. Dessa forma, vale supor que este é o momento mais oportuno para amparar um animal em sua residência... Mas será que este pensamento está inteiramente correto?

É provável que você já tenha lido ou escutado falar sobre o livro “Vidas Secas”, escrito por Graciliano Ramos, que retrata sobre a vida de uma família de retirantes sertanejos que se deslocam diversas vezes para os locais menos afetados pela seca. Eles têm uma cachorra

chamada Baleia, e é encantador ver que, mesmo passando por grandes dificuldades, os personagens sempre se preocupavam com o bem-estar da Baleia, e nunca cogitaram o seu abandono. O esperado é que todos os animais sejam tratados como a Baleia, mas lamentavelmente essa não é a realidade, conforme indicado pelo site Catraca Livre, mais de 4 milhões de cães e gatos vivem abandonados ou em ONGs pelo Brasil. Veja bem, animais abandonados... Porém, nem todas as notícias são ruins! Durante este período de pandemia, houve um aumento de 50% pela procura por adoção de pets. Ressalto que é necessário saber da responsabilidade de levar um animal para casa, e estar consciente que o pet deverá receber atenção, ter um espaço adequado para o seu conforto e ir constantemente ao veterinário. Dessa forma, com a adoção consciente, o número de abandonos não continuará aumentando.

Apesar de termos visto que uma parcela da população acaba desabrigoando os cães e gatos que adotaram/compraram, a maioria dos brasileiros não têm essa atitude imprudente, cuidando dos animais da maneira apropriada e permanecendo com eles por toda vida. Nota-se a importância dos pets para os seus respectivos donos ao analisar como andam os hospitais veterinários e pet shops neste isolamento social, os quais são considerados serviços essenciais. Como posto pela Associação Brasileira Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet), a demanda por compras de produtos ligados à alimentação animal cresceu cerca de 30% desde a quarentena. Foi-se o tempo que o animal era considerado o “guarda-costas” da casa, permanecendo o dia inteiro no quintal, e normalmente se alimentando da comida que havia sobrado do almoço ou jantar. O atual

momento mostra como eles se tornaram uma das prioridades para a maior parte das famílias que os integram.

Além da atenção à alimentação e saúde dos pets, é fundamental que os donos fiquem atentos ao comportamento dos animais, especialmente quando as rotinas se normalizarem. Para nós, o isolamento está sendo um inconveniente momento. Já para os bichinhos, tem sido muito satisfatório ter os seus donos 24 horas por dia com eles. Portanto, é possível já ir os acostumando a ficarem um determinado tempo sozinhos, assim como acontecerá com a vinda do fim do distanciamento social. Uma maneira citada pelo veterinário Ricardo Fontão é a de promover atividades divertidas e lúdicas aos companheiros caninos e felinos que não necessitem da sua presença, assim eles saberão que ficar sozinhos também pode ser prazeroso. Deste modo, não haverá o desenvolvimento pela dependência do dono, e eles saberão que não é um problema que vocês fiquem por algumas horas separados.

Por meio dos fatos e dados apresentados nesta coluna, acredito que tenha ficado esclarecida a seriedade que se deve ter ao tomar a decisão de levar um animal à sua residência. Para que esta iniciativa não seja impulsiva, nem cause futuros arrependimentos, o ideal é se questionar antes de tudo: “as condições financeiras que possuo são favoráveis para a criação de um pet?”; “a minha casa tem espaço suficiente para a garantia de seu conforto?”; “pós-quarentena, ficarei bastante tempo fora de casa. É saudável que o animal que pretendo resgatar fique estas horas sozinho?”; e, a essencial para o momento de agora: “gostaria de permanecer com o pet quando tudo se normalizar?”. Na incidência de respostas negativas, a melhor escolha é não adotar, nem comprar. Por mais difícil

que pareça, é possível que a sua saúde mental fique estável neste período, mesmo sem a presença canina ou felina. Já para as respostas positivas, ter um animal lhe trará um grande contentamento, e diariamente ele retribuirá o cuidado que fornece a ele. Será uma relação de constante troca de benefícios e ambos terão grandes mudanças em suas vidas - felizmente, para melhor.

Educação no confinamento

Qual nosso papel?

Giovanna Tonzar dos Santos

Eu sempre ouvi dizer que a universidade pública é um convite à autonomia e penso que, em tempos de pandemia, pensar com a própria cabeça tem se mostrado mais imprescindível do que nunca. Eu tive apenas duas semanas de aula até o decreto de suspensão total e, desde então, o debate sobre a EAD tem sido diário. A virtualidade é colocada em xeque a todo o momento, principalmente na questão de sua efetividade e abrangência.

De acordo com Paro, em seu texto “*A Natureza do Trabalho Pedagógico*”, a educação é a relação social para apropriação de um saber. Logo, se a relação social é modificada, o saber também será. Ir até o ambiente de estudo propicia interagir com outros agentes sociais, experimentar a diversidade e relacionar-se em um ambiente extra doméstico, ou seja, essa grande parcela do que é educação já está sendo perdida na EAD.

Somado a isso, o ambiente virtual tem outras definições de temporalidade, concentração e absorção do conteúdo em si. Driblar esses conceitos, bem como, o constrangimento que desafia o estudante a aprender é fácil nesse meio. O educador e o educando devem misturar seus papéis e serem ativos no processo da educação, isso só é possível na presença física e com a relação efetiva entre essas partes.

Além disso, acrescento o artigo 205 da Constituição que diz que a educação é direito de todos e deve visar o

desenvolvimento pleno e preparar para o exercício da cidadania. Uma vez que é direito de todos, a EAD seria inviável, pois está longe de ser total o acesso a meios tecnológicos para esse tipo de aula, bem como o ambiente propício para o acompanhamento da mesma.

Ademais, a EAD reduz esse direito também pelo parecer número 5 do dia primeiro de junho de 2020 que exige dos educadores garantirem apenas a aprendizagem por esse meio virtual, isto é, passar atividades a fim da memorização de um conjunto de conteúdos para passar em uma prova e pegar um diploma. Isto é preparação para um futuro cidadão?

Não tenho a audácia de propor uma solução incontestável para essa nova “educação”, porém propor uma possibilidade de reflexão a ser explorada por nós estudantes que temos o desafio de pensar em como garantir o acesso à educação como a Constituição prevê e não uma mera realização de tarefas para obtenção de um diploma, desumanizando todo o processo.

Sugestões de leitura:

PARO, Vitor Henrique. A natureza do trabalho pedagógico. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 103-109, jan./jun. 1993.

LAGRAVENESE, Richard (dir.). **Escritores da Liberdade**. Produção: GRUWELL, Erin; WRITERS, Freedom. Paramount Pictures, 2007. (123 min.)

E quando não é lixo?

Pensar a gestão de resíduos de difícil reciclabilidade

*Thiago Araújo
Leticia Viesba*

Quando pensamos em lixo, um amplo leque de resíduos vem em nossa mente. Por definição, resíduo é tudo aquilo que consideramos que não pode ser mais aproveitado nas atividades humanas, provindo das indústrias, comércios, residências, entre outros. Mas será que não podemos mesmo aproveitar? Aqui vale diferenciar resíduo de rejeito, o rejeito, sim, não pode mais ser aproveitado. Na tentativa de promover e colaborar com a reciclagem, é comum pensarmos primeiro em papel, vidro, plástico, metal e orgânicos, e que o processo de pensar sobre o lixo consiste apenas na separação nas lixeiras correspondentes, quando, na verdade, a reciclagem é um processo bem mais complexo e que varia de acordo com a viabilidade estrutural e financeira para cada tipo de produto gerado.

Resíduo inclui desde um copo plástico, uma esponja doméstica, até o resto de concreto de uma construção, todos possuem seu impacto ambiental, em maior ou menor grau. Então é importante ter em mente que os processos de reciclagem desses resíduos são extremamente diferentes, bem como o seu custo e os agentes necessários para que o processo ocorra.

Resíduos de difícil reciclabilidade e onde habitam

Considerando um dia comum na rotina, onde você toma o café da manhã, fritou algo para comer, lava a louça,

escova os dentes e vai trabalhar. Apenas neste pequeno trecho do seu dia, uma grande parte dos itens que utilizou pode ser considerada de difícil reciclabilidade, como o óleo, a esponja de lavar louças, a escova de dente, a embalagem de pasta de dente, os instrumentos de escrita, como a caneta, lápis entre outros que venha a utilizar no trabalho. São ferramentas de uso diário, e que em seu processo de fabricação são incorporados determinados materiais que dificultam e encarecem o processo de reciclagem, inviabilizando a coleta e distribuição pelas cooperativas de reciclagem. Assim, produtos que tem potencial para serem reciclados, acabam indo para o descarte comum.

Temos em nosso país a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que completa este ano 10 anos desde sua sanção. A PNRS prevê a prevenção e a redução na geração de resíduos, suas propostas cercam a prática de hábitos de consumo sustentável e um conjunto de instrumentos para propiciar a gestão de resíduos sólidos. Nesse contexto, temos a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, que consiste em dividir a obrigação de cuidar do processo dos resíduos com todos os envolvidos, ou seja, fabricantes, distribuidores, gestão pública e o consumidor final.

A PNRS vai ao encontro da política dos 5 R's, que usualmente é conhecida como uma importante ferramenta da Educação Ambiental e consiste nas práticas: Repensar, Recusar, Reduzir, Reutilizar e, por último, Reciclar, essas são atitudes que devemos desenvolver para conviver em equilíbrio com o ambiente, no aspecto de consumo e resíduos. Essa ferramenta possui a intenção de mudar hábitos enraizados para possibilitar que nossa geração, dos nossos filhos, e as dos filhos deles, possam continuar convivendo com a natureza, e utilizando seus bens e

serviços de forma equilibrada, respeitando seus limites. Ao se recusar utilizar e consumir produtos de vida limitada, como produtos com novas embalagens e dar preferência a produtos de vida mais prolongada, como refil, já estamos repensando nossa relação com os resíduos, bem como também praticando a reutilização. Quando se pratica essas 5 atitudes, é importante não simplificar o problema, desenvolvendo principalmente a questão da reciclagem e da coleta seletiva, pois essa deve ser a última etapa de todo um ciclo.

Quando a educação ambiental se torna uma aliada na gestão de resíduos sólidos

A universidade possui o dever social de desenvolver o ensino, a pesquisa e extensão, essa última, cria uma conexão entre o que se estuda e sua aplicação na sociedade, tendo o papel social de mudar as perspectivas e possibilitar a criação de um mundo mais democrático. A Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - *Campus Diadema* possui em sua história uma perspectiva ambiental, promovendo a implementação de ações extensionistas como o “Programa Escolas Sustentáveis - PES”, que possui a intenção de desenvolver ações, dentro e fora da universidade, que promovam discussões socioambientais. O PES aborda uma série de projetos com os mais variados temas, sendo a problemática dos resíduos sólidos, um dos principais.

O projeto “Eu Reciclo”, que está dentro do PES, nasceu em 2018, com o objetivo de demonstrar que os resíduos de difícil reciclabilidade não são nenhum bicho de sete cabeças e devem, como os demais resíduos, ser alvo de ações em educação ambiental, já que também estão

presentes em nosso cotidiano e são, costumeiramente, dispensados na reciclagem tradicional. Deste modo, por meio de parceria com a empresa TerraCycle, foi possível desenvolver o projeto, de modo a realizar ações de informação, sensibilização e coleta de alguns desses resíduos, a parceria permite dar uma destinação adequada e viável para resíduos coletados. Entre os resíduos objetos das campanhas do Eu Reciclo, destacamos: instrumentos de escrita, esponjas domésticas, tubos e embalagens de creme dental e escovas de dente. Tais resíduos, depois de coletados, são encaminhados para a empresa que destina a outras parcerias que reutilizam os materiais, reinserindo-os em suas cadeias produtivas. A primeira ação no projeto foi a promoção da sensibilização e reflexão da comunidade acadêmica, na intenção de promover mudanças na perspectiva e de práticas ligadas ao consumo excessivo. Esta ação se caracterizou como “Trilha do Lixo”, e se consistiu no desenvolvimento de painéis que foram expostos em locais de grande visibilidade no campus, os painéis formavam uma trilha, daí o nome, e apresentavam informações a respeito da problemática dos resíduos, trechos da PNRS e algumas provocações.

Em um segundo momento, inserimos em todas as unidades do *campus* alguns coletores, identificados e acompanhados de cartazes informativos sobre os tipos de produtos coletados. Também foram feitas campanhas online sobre os tipos de resíduos, composição, descarte e destinação corretas. Ao longo de 2 anos de projeto foram destinados 760 produtos para a Terracycle e o projeto continua ativo, a previsão para 2020 era seguir com sua implementação também em escolas públicas estaduais do município de Diadema, planos atrapalhados pela pandemia. Contudo, nossa equipe segue adaptando a

proposta, e, em breve, lançamos um material instrucional em um minicurso, voltado à comunidade escolar. De forma que contribua na informação e capacitação dos membros das comunidades para a implementação do projeto.

Como educadores ambientais, reconhecemos a importância de disseminar a informação de que o ciclo de vida dos produtos não termina quando, após serem utilizados pelos consumidores, são descartados nas lixeiras. Nossa responsabilidade vai além, e mesmo quando o sistema não está preparado para aderir às necessidades, ainda assim, contando com colaborações, podemos alcançar o melhor resultado na perspectiva socioambiental. Resíduos recicláveis convencionais ou estes, de difícil reciclabilidade, têm importante papel e potencial econômico. Seu uso adequado pode ser um diferencial significativo em escolas, universidades e famílias de cooperativados.

Como afirmado pelo filósofo e pedagogo Dermeval Saviani: “a educação é a mediação no seio da prática social. A prática social põe-se, portanto, como ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa”, ou seja, a instrução, a informação e o conhecimento, uma vez incorporados pela sociedade, serão repassados como ensinamentos, mudando perspectivas e hábitos, e esse é o objetivo de um Educador Ambiental.

O seu Ser é consciente?

Viver em sociedade exige, sobretudo, consciência do que somos, da realidade em que vivemos e de tudo que fazemos

Sarah Arruda

A palavra consciente vem do latim, significa “o que tem pleno conhecimento”. Quando imaginamos a nossa vida cotidiana, o quão consciente somos a cerca daquilo que compramos? O Ser consciente é aquele que entende e sabe, por exemplo, “o que, quando e por que precisa de algo”. Em quantos momentos em nosso cotidiano somos surpreendidos por vontades impensadas de comprar determinado produto, para, logo em seguida, se perguntar, mas por que eu comprei isto?

O mundo atual nos oferece uma série de produtos e serviços, no entanto, além da frustração ao comprar um produto que realmente não queríamos, o ambiente em que vivemos é diretamente impactado pelas nossas “escolhas” de consumo. Por trás de cada produto existe uma história, uma longa história, que na maioria das vezes, não conhecemos. A partir da sua, da minha compra, passamos a fazer parte desta história. Então, como, de fato, Ser consciente? Como nós, educadores ambientais, podemos trabalhar com essa perspectiva?

Nesta coluna busco apresentar, ainda que brevemente, o projeto “Consumo Consciente”, desenvolvido por meio do Programa de Extensão Universitária “Escolas Sustentáveis” (PES), da Universidade Federal de São Paulo. Em seu desenvolvimento, tivemos como objetivo resgatar as relações entre o ser humano e o ambiente, a partir do cotidiano dos educandos na escola e sua relação com os

resíduos sólidos que geram. Foram utilizadas duas estratégias para se trabalhar o tema, a primeira foi de reflexão sobre a geração e destinação dos resíduos sólidos em uma escola pública de Diadema. A segunda foi o uso de *flyers* com dados sobre consumo, reflexões e frases de impacto. A ideia foi promover a sensibilização socioambiental por meio da página do Facebook [Programa Escolas Sustentáveis](#) e [Instagram](#), entre os seguidores das redes e os estudantes da escola onde o projeto foi realizado.

Na prática desenvolvida na escola, os educandos tiveram a oportunidade de fazer parte da história dos seus resíduos. Ué, mas como assim? Pergunta você, leitor, leitora. Calma que vou explicar. Para muitos deles, a relação com o “lixo” era “eu compro, eu uso, eu descarto”, porém, como é esse descarte? Como deve ser feito? Para onde ele vai? Essas questões não eram pensadas ativamente por parte dos estudantes, assim como ocorre com a maioria da sociedade. Em nossa experiência no projeto buscamos resgatar essas questões de maneira prática, inserindo-as no cotidiano dos estudantes. Inicialmente, em conjunto com outras participantes do projeto, ministramos aulas com as temáticas consumo e resíduos, para isto buscamos fazer conexão com os temas do currículo do primeiro ano do ensino médio, na disciplina de Biologia. Em sequência, foram realizadas ações de intervenção na escola, a primeira delas foi a inserção de coletores para cada tipo de resíduo, os coletores eram voltados a: plástico, metal, papel, vidro e orgânicos. A princípio a ideia era avaliar se os demais estudantes da escola, que não estavam participando do projeto, iriam descartar os resíduos de forma correta apenas com a inserção dos coletores para tal. Percebemos

que isto não aconteceu. Notando que somente a inserção dos coletores não bastava para a separação dos resíduos, foi dado início a outra atividade, esta voltada à informação e sensibilização dos participantes sobre o descarte de resíduos.

Nesta segunda parte os educandos, literalmente, colocaram a mão na massa. De posse de alguns equipamentos de proteção, como óculos, luvas e aventais, os estudantes realizaram a gravimetria dos resíduos gerados na escola, ou seja, todo resíduo gerado na escola, no período de uma manhã, foi recolhido e disposto sobre uma bancada no laboratório de Ciências, em sequência os estudantes começaram a separar os resíduos de acordo com sua tipologia, sendo os principais resíduos encontrados: plástico, metal, papel, vidro e orgânicos.

Durante a atividade, os participantes indagaram acerca da grande quantidade de resíduos gerados, em sua maioria, embalagens de produtos que eles próprios consumiram, assim como o restante da comunidade escolar. Um dos pontos chave da atividade foi, após o trabalho de separação e pesagem dos materiais, os estudantes perguntarem “qual seria a disposição de todo aquele resíduo”, e a resposta foi – “devemos juntar todo material e colocar no lixo comum, pois nem a cidade, nem a escola possuem coleta seletiva”. Neste e em outros questionamentos, observamos certa indignação nos estudantes, percebemos que ali eles começaram a se enxergar como parte da história dos resíduos que consomem.

Na finalização da prática, a frustração e os questionamentos foram unânimes, a partir da vivência da história do pós-consumo, discutida nos dois momentos da atividade, que vai desde a separação correta dos resíduos

até a escolha de qual será a disposição, os estudantes foram sensibilizados com relação a seus hábitos de consumo e da necessidade de melhores alternativas para a gestão de resíduos sólidos. Em autoavaliação e *feedback* sobre a atividade, os estudantes relataram que começaram a ser mais conscientes sobre o que consomem, a real necessidade desse consumo e o que fazer com o resíduo gerado. Percebendo a necessidade de compartilhar a responsabilidade pelo resíduo que geramos.

Afinal, somos conscientes?

Enquanto educadores ambientais, podemos e devemos utilizar todas as ferramentas disponíveis para alcançar as pessoas. Temos observado que o meio digital tem se mostrado bastante eficiente para transmissão rápida de informações, e reconhecemos que, embora o uso das mídias sociais não substitua as práticas presenciais, a utilização combinada de ambas pode trazer diversos impactos positivos. Assim, enquanto as atividades eram realizadas nos ambientes da escola, outro caminho também era percorrido. Por meio da elaboração de diversos *flyers* e infográficos foram feitas postagens nas redes sociais do PES, as quais os estudantes acompanharam, as postagens eram relacionadas aos temas trabalhados no projeto, a partir das métricas de alcance das próprias redes sociais foi possível observar que as postagens que tiveram maior número de interações, entre curtidas, comentários e compartilhamentos, foram as postagens com temas correlatos ao projeto. Demonstrando que atingiram suas finalidades.

Ser consciente não é uma tarefa fácil, se faz necessário o uso de diversas estratégias para o

autocontrole, o monitoramento de si mesmo, e isto carece de um autoconhecimento sobre nossas vontades, nossos desejos, limitações e também sobre os impactos que causamos.

É preciso ter isto em mente ao ser educador, educadora ambiental, que não basta a sensibilização e informação em relação às questões socioambientais, é vital conhecer a realidade do público com o qual trabalhamos e, a partir daí, desenvolver ações significativas e que permitam o seu empoderamento, a construção de suas próprias perspectivas. O uso do cotidiano dos educandos é uma estratégia que permite a maior identificação com o tema, mostrando a necessidade de uma educação inclusiva e focada na realidade do estudante.

Agradecimentos:

Às professoras Juliana Lescano e Erika Brunelli e à gestão e coordenação pedagógica da Escola Estadual Sylvia Ramos Esquível, por nos receberem e participarem do projeto.

Caminhos com a leitura e a escrita

Não podia ter sido melhor

Inês Pauli

Meu pai sempre foi quem mais me inspirou, apesar de eu considerar pouco o contato que tivemos na minha infância. Sua história de vida sempre me deu muito orgulho. Nasceu em 1922 em São Paulo das Missões- RS. Aos treze anos só falava alemão, assim como seus pais, e tornou-se seminarista beneditino, aprendendo francês e latim. A Língua Portuguesa ele praticamente aprendeu sozinho lendo obras literárias, tais como todas de Machado de Assis. Depois, autodidata, aprendeu inglês.

No seminário, formou-se em Geografia e História e começou a lecionar no próprio mosteiro. Quando completou trinta anos, após aprovação do Vaticano, saiu e mudou-se para Santo André/SP. Começou a lecionar no colégio Santo André onde conheceu minha mãe, normalista do então melhor estadual da região EEPSG Dr. Américo Brasiliense, com seus dezoito anos. Como disse minha avó para ela: “filha, pense bem, o moço não tem muito dinheiro, mas tem o mais importante, o diploma”, casaram-se.

Meu pai lecionava Língua Inglesa no colégio São Bento, em São Paulo. Eu tinha muito ciúmes dos meus irmãos mais velhos, éramos seis no total, sendo eu a sexta, três meninos e três meninas, porém, só os meninos podiam estudar no colégio, até então somente frequentado por alunos (o colégio não era misto). Então só eles tiveram o privilégio de diariamente pegarem o trem de Santo André até a estação da Luz e caminhar até o Pátio do Colégio, ao

lado do meu pai. Sempre fiquei imaginando quantas conversas eles tiveram.

Meu pai lia o jornal diariamente, sentado em sua poltrona no centro da sala. Lembro-me que ele me entregava o “caderno infantil”, aos domingos, mesmo antes de eu aprender a ler. Ele lia algumas notícias para mim, confesso que não entendia muito. Meu contato com as letras no âmbito escolar não foi muito bacana. Como os meninos estudavam no colégio dos padres, as meninas, claro estudavam no colégio das freiras e confesso que nunca me “dei muito bem com elas, as freiras”. Entrei no antigo “pré-primário” com cinco anos, iria completar seis em maio, que sofrimento. Lembro que queria muito correr, correr, brincar com elástico, e a freira sempre me mandava copiar a caminho suave, com letra de imprensa. Copiei a cartilha inteira, tenho problemas com trocas na escrita (b/p –d/t- v/f) até hoje, trágico.

No colégio havia uma biblioteca enorme, mas para os pequenos irem lá, só escondidos.

Para a minha sorte, em casa sempre tivemos muitos livros, poucos infantis, mas sempre que possível ganhava um. Meu pai fez questão de fazer seis escrivatinhas, uma para cada filho e filha. Podíamos organizar nossos livros e nosso material escolar. Passei muitos anos na minha escrivatinha, não podia ter sido melhor.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Amazônia por uma economia do conhecimento da natureza. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

ANNEFRANKHOUSE. The Anne Frank House online. Visitors from all over the world. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/museum/web-and-digital/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BBC Newsbeat. Coronavírus: graças a isolamento, pandas em zoológico acasalam após dez anos de tentativa. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52100140>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

CAMERON, James (dir.). Avatar. Produção: CAMERON, James; LANDAU, Jon. 20th Century Fox, 2009. (161 min.).

CNN. SP tem isolamento social de 50%, taxa mais baixa em um sábado na quarentena. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/10/sp-tem-isolamento-social-de-50-taxa-mais-baixa-em-um-sabado-na-quarentena>. Acesso em: 01 ago. 2020.

DGP CNPQ. Espelho do Grupo de Pesquisa Movimentos Docentes. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/183308504476257>. Acesso em: 01 ago. 2020.

EL PAIS. Em decisão histórica, STF derruba restrição de doação de sangue por homossexuais. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-08/em-decisao->

historica-stf-derruba-restricao-de-doacao-de-sangue-por-homossexuais.html. Acesso em: 01 ago. 2020.

FACEBOOK. Comunidade Movimentos Docentes. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/movimentosdocentes/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

G1. Casos de coronavírus avançam na periferia de SP; Capão Redondo tem aumento de 113% em uma semana. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/28/casos-de-coronavirus-avancam-na-periferia-de-sp-capao-redondo-tem-aumento-de-113percent-em-uma-semana.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2020.

G1. Sem turistas e barcos, coloração da água dos canais de Veneza fica mais clara e nítida. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/03/18/sem-turistas-e-barcos-coloracao-da-agua-dos-canais-de-veneza-fica-mais-clara-e-nitida.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2020.

GADOTTI, Moacir. Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. 127 p.

GAZETA DO POVO. Mais de 6 milhões de empregados com carteira têm contrato suspenso ou salário reduzido. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/empregados-carteira-contrato-suspenso-salario-reduzido>. Acesso em: 01 ago. 2020.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. São Paulo: L&PM Editores, 2018.

IBGE. Uso de internet, televisão e celular no Brasil. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 01 ago. 2020.

IMBERNÓN, Francisco, SHIGUNOV NETO, Alexandre, SILVA, André Coelho da. Reflexões sobre o conhecimento na formação de professores em comunidade de prática. In: Revista Iberoamericana de Educación, v. 82, n. 1, p. 161-172, 2020.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAGRAVENESE, Richard (dir.). Escritores da Liberdade. Produção: GRUWELL, Erin; WRITERS, Freedom. Paramount Pictures, 2007. (123 min.)

MARGULIS, Sergio. Causas do desmatamento da Amazônia brasileira. Brasília: Banco Mundial, 2003.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Conference United Nations. General Assembly. New York: ONU, 1948. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ONUNews. Covid-19: OMS divulga guia com cuidados para saúde mental durante pandemia. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>. Acesso em: 01 ago. 2020.

PARO, Vitor Henrique. A natureza do trabalho pedagógico. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 103-109, jan./jun. 1993.

PODER360. Crise da covid-19 reduz renda de 77% dos mais pobres e só 26% de mais ricos. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/crise-da-covid->

19-reduz-renda-de-77-dos-mais-pobres-e-so-26-de-mais-ricos/. Acesso em: 01 ago. 2020.

SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTANDER. Campanha Eu Dou o Sangue. Disponível em: <https://www.eudouosangue.com.br>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SÃO PAULO. Pina de Casa. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/pinadecasa/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SENAI. A importância da concorrência para o setor de saneamento básico. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/publicacoes/2019/9/importancia-da-concorrenca-para-o-setor-de-saneamento-basico/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SMITHSONIANS. National Air and Space Museum. Disponível em: <https://airandspace.si.edu/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SMITHSONIANS. The National Museum of Natural History. Disponível em: <https://naturalhistory.si.edu/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SOUZA, Liliane Pereira de. Mas ele nunca me bateu. Campo Grande: Editora Inovar, 2019.

TAIBO, Carlos. Colapso: Capitalismo Terminal, Transição Ecosocial, Ecofascismo. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

UOL. Como e para quem fazer doações na crise do coronavírus. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas->

noticias/2020/03/23/coronavirus-doacoes.htm. Acesso em: 01 ago. 2020.

UOL. Coronavírus: Periferia de São Paulo já tem hospital com 100% da UTI ocupada. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/08/covid-19-periferia-de-sp-ja-tem-hospital-com-100-da-uti-ocupada.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

UOL. Turistas somem da Tailândia devido à covid-19 e macacos brigam por comida. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/03/12/macacos-coronavirus-tailandia-turistas.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

VEJASP. Covid-19: mortes se concentram nas áreas pobres de São Paulo. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/covid-19-mortes-se-concentram-nas-areas-pobres-de-sao-paulo/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

Sobre os organizadores

Everton Viesba-Garcia

Professor, Gestor Ambiental, Consultor e Editor. É graduado em Gestão Ambiental e Biologia – Licenciatura. Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade. Também atua como Coordenador adjunto do Programa de Extensão Universitária “Escolas Sustentáveis”, que deu origem ao Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP, projeto que idealizou e hoje coordena. É pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PECMA-UNIFESP) e Professor da Rede Pública do Estado de São Paulo.

Marilena Souza Rosalen

Doutora em Educação. Fez mestrado e pós-doutorado também em Educação. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo, onde detém o cargo de professora adjunta. Fundou e coordena o grupo de estudos e pesquisa Movimentos Docentes, que originou a Comunidade de Prática de mesmo nome. É Coordenadora Geral do Observatório de Educação e Sustentabilidade e Editora do projeto “Colunas do ObES” que deu origem a este livro.

Sobre os autores

Arnaldo Antonio da Silva Junior

Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Diadema-SP. Graduado em Química, professor da Rede Pública do Estado de São Paulo e colaborador do Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP.

Bruna Gimenez da Silva

Professora e Cientista em formação, no curso de Ciências – Licenciatura, na UNIFESP. Integrante do Observatório de Educação e Sustentabilidade – UNIFESP. Participante do Grupo de Pesquisa Movimentos Docentes.

Cássio Alberto do Nascimento

Estudante do curso de Ciências - Licenciatura da UNIFESP e professor voluntário em curso popular destinado a estudantes de baixa renda no Centro de São Paulo.

Claudia Benitz

Pedagoga apaixonada por crianças e pelo meio ambiente. Atuante no movimento *Upcycling* e comprometida com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), buscando sempre integrá-los nos projetos que desenvolve com crianças e bebês no Centro de Educação Infantil Vereador Rubens Granja – São Paulo/SP.

Erika dos Santos Brunelli

Bióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Química - UNIFESP. Coordenadora técnica do Observatório de Educação e Sustentabilidade – UNIFESP, projeto que também idealizou.

Giovanna dos Santos Matos Paiva

Graduanda de Ciências Ambientais – UNIFESP. Colaboradora no GT de Comunicação e Divulgação Científica do Observatório de Educação e Sustentabilidade – UNIFESP.

Giovanna Tonzar dos Santos

Ingressante do curso de Ciências – Licenciatura pela Universidade Federal de São Paulo, integrante do grupo de pesquisa Movimentos Docentes e bolsista PIBEX do Programa de Extensão Universitária “Escolas Sustentáveis”.

Inês Pauli

Pedagoga. Mestra em Ensino de Ciências pela UNIFESP, Diadema. Orientadora Pedagógica – São Bernardo do Campo.

Isabella Guedes Cavalcante

Ambientalista apaixonada por pessoas e suas interações. Participa ativamente de projetos de mudança sociais, com olhar de curiosidade sob tudo que vê. É discente de Ciências Ambientais da UNIFESP, Campus Diadema.

Lara Santana

Estudante de Ciências - Licenciatura. Professora e Cientista em formação. É apaixonada por educação, sustentabilidade e livros de aventura.

Letícia Moreira Viesba

Professora de Projeto de Vida, de Tecnologia e da disciplina Eletiva “Ciências Ambientais”, leciona para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio na E. E. Professor Augusto de Oliveira Jordão, em Diadema – SP.

Luana Lima

Psicopedagoga, graduada pela UNIFIEO e pós-graduada pelo Mackenzie. Deu aula na Fundação Casa e em cursinhos populares. Atualmente é graduanda de Ciências - Licenciatura e aluna especial do PECMA-UNIFESP.

Sarah Arruda

Bióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Análise Ambiental Integrada - UNIFESP. Bolsista de apoio técnico no Observatório de Educação e Sustentabilidade - UNIFESP.

Sheyla Pulido

Cientista Ambiental. Colaboradora de apoio técnico no Observatório de Educação e Sustentabilidade - UNIFESP. Professora de geografia no CIUNI - UNIFESP.

Thays da Silva Soares

Discente de Ciências Biológicas - UNIFESP. Bolsista de Comunicação e Divulgação Científica do Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP. Participa como extensionista no Programa de Extensão Universitária "Escolas Sustentáveis".

Thiago Araújo

Discente de Ciências Biológicas - UNIFESP. Bolsista de apoio à pesquisa e desenvolvimento do Observatório de Educação e Sustentabilidade da UNIFESP. Participa como tutor no Programa de Extensão Universitária "Escolas Sustentáveis".

Ficha Técnica

Título	Quarentenando
Subtítulo	Perspectivas e narrativas em período de transição
Organizadores	Everton Viesba e Marilena Rosalen
Autores	Arnaldo Antonio da Silva Junior, Bruna Gimenez da Silva, Cássio Alberto do Nascimento, Claudia Benitz, Erika dos Santos Brunelli, Giovanna dos Santos, Giovanna Tonzar dos Santos, Inês Pauli, Isabella Guedes Cavalcante, Lara Santana, Letícia Moreira Viesba, Luana Lima, Sarah Arruda, Sheyla Pulido, Thays da Silva Soares, Thiago Araújo
Páginas	128
Edição	1 ^a
Volume	1
Ano	2020
Cidade	Diadema
Editora	V&V Editora
ISBN	978-65-88471-00-5
DOI	https://doi.org/10.47247/evg88471
Projeto Gráfico e Diagramação	Giovanna Tonzar, Thays Soares e Everton Viesba

Querida leitora e querido leitor,

Agradecemos por ter comprado a versão impressa desse livro e/ou por ter feito o download gratuito do e-book. Decerto que despertar seu interesse pela obra, para nós, editores e autores, é uma alegria imensa.

Por isso, agradecemos.

Pedimos que compartilhe, gratuitamente, a versão digital desse material com todos para quem considerar a leitura necessária ou interessante. Ao compartilhar nas redes marque o projeto @obesunifesp e a V&V @vveditora nas redes sociais, Facebook e Instagram.

Caso tenha alguma dúvida ou sugestão, entre em contato conosco pelo e-mail contato@vveditora.com

Publique conosco!

Biografias, poesias e textos literários.

Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.

Artigos e textos de Grupos de Pesquisas e Coletâneas.

Acompanhe nossas redes e site e também nossos eventos.



É uma obra escrita por:

Arnaldo Silva Junior - Bruna Gimenez
Cássio Nascimento - Claudia Benitz - Erika Brunelli
Everton Viesba - Giovanna dos Santos
Giovanna Tonzar - Inês Pauli - Isabella Cavalcante
Lara Santana - Luana Lima - Letícia Moreira Viesba
Marilena Rosalen - Sarah Arruda - Sheyla Pulido
Thays Soares e Thiago Araújo

Que apresenta os textos produzidos no projeto "Colunas do ObES", do Observatório de Educação e Sustentabilidade da Universidade Federal de São Paulo. O ObES é credenciado junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIFESP e conta com o apoio da Câmara de Extensão e Cultura da UNIFESP Diadema. Este projeto foi desenvolvido nos meses iniciais da quarentena causada pela pandemia de COVID-19, os textos publicados aqui foram elaborados entre abril e julho de 2020 e refletem, em certa medida, as angústias, pensamentos e reflexões de todos nós.

